

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) RENAN RODRIGUES ALVES DE CAMPOS

**A ESTRATÉGIA A2/AD PELA LENTE DA GUERRA HÍBRIDA:  
O Poder de Adaptação do Irã.**

Rio de Janeiro

2024

CC(FN) RENAN RODRIGUES ALVES DE CAMPOS

**A ESTRATÉGIA A2/AD PELA LENTE DA GUERRA HÍBRIDA:  
O Poder de Adaptação do Irã.**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Moreno

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2024

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por me conceder a força, a saúde e a sabedoria necessárias para concluir esta jornada.

À minha amada esposa, Paula, cujo amor, paciência e apoio incondicional foram fundamentais durante todo este processo. Sua presença constante e encorajadora me deu a força para superar os desafios e permitiu seguir em frente.

Aos meus filhos, Letícia e Gabriel, que com sua alegria e compreensão iluminaram meus dias e me motivaram a dar o meu melhor em cada etapa desta jornada.

À minha família, em especial aos meus pais, Marina e Antônio, pela educação, valores, suporte constante e por acreditarem em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Ao meu orientador, Capitão de Fragata Moreno, por suas valiosas contribuições, suporte e confiança no meu trabalho.

Ao CMG(RM1-FN) Pragana, pelo seu incansável empenho e orientação. Sua experiência e dedicação foram essenciais para a realização desta dissertação.

Ao corpo docente da Escola de Guerra Naval, por compartilhar seu vasto conhecimento e por seu compromisso com a excelência acadêmica.

Aos meus irmãos de armas da turma Dodsworth, que tornaram esta jornada mais leve e significativa. Em especial, ao Vinícius Barcelos, pelas conversas inspiradoras e pela refinada percepção sobre o tema, que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos, meu sincero agradecimento.

“Também temos capacidades importantes fora do país. Temos apoiadores, temos profundidade estratégica, tanto na região [Oriente Médio], quanto neste País. Alguns nos apoiam devido ao Islã, outros por causa da língua e outros por causa do Islã xiita. Todos eles constituem a profundidade estratégica do País”.

Líder Supremo Iraniano Aiatolá Ali Khamenei, 2014

## RESUMO

O propósito desta dissertação é investigar a adaptação estratégica do Irã no contexto da Guerra Híbrida, focando na estratégia A2/AD. O estudo entendeu como o Irã integra recursos convencionais e não convencionais para obter profundidade estratégica e dissuasão regional. Como desenho de pesquisa, foi feito um estudo de caso, abordando os conceitos fundamentais de Guerra Híbrida, interdependência global e teoria de estratégia, além da evolução da postura defensiva do Irã. Os resultados da comparação do arcabouço teórico com a aplicação da estratégia A2/AD revelam que o Irã adaptou eficazmente suas estratégias às mudanças no ambiente global, utilizando métodos convencionais e híbridos. A interdependência global ampliou o impacto das ações estratégicas do Irã, permitindo explorar vulnerabilidades e maximizar seu poder de dissuasão. A utilização de *proxies* foi identificada como uma componente chave de sua estratégia, permitindo projeção de poder sem envolvimento direto em conflitos convencionais. A pesquisa destacou que a estratégia A2/AD do Irã, mais do que uma série de ações isoladas, representa uma postura estratégica abrangente, integrando várias capacidades para obter defesa em profundidade. Ademais, a Guerra Híbrida aumentou as possibilidades de interação da estratégia A2/AD. A análise também mostrou que, apesar das mudanças no contexto regional, o objetivo estratégico do Irã permaneceu inalterado, reforçando a flexibilidade e a resiliência de sua abordagem. As conclusões indicam que a adaptação estratégica do Irã pode servir como um modelo para outros Estados com menor protagonismo no cenário internacional, mostrando como meios assimétricos podem compensar disparidades em poder militar convencional. A pesquisa sugere que a compreensão do complexo contexto do Mundo Híbrido e a capacidade de adaptação contínua são cruciais para enfrentar ameaças contemporâneas. A dissertação concluiu que a estratégia A2/AD do Irã, ao integrar elementos da Guerra Híbrida, oferece lições valiosas sobre a formulação de estratégias defensivas em um mundo interconectado e dinâmico.

**Palavras-chave:** Estratégia A2/AD. Guerra Híbrida. Interdependência. Irã. Adaptação Estratégica. *Proxies*. Dissuasão Regional. Defesa em Profundidade. Defesa em Camadas.

## **ABSTRACT**

### **THE A2/AD STRATEGY THROUGH THE LENS OF HYBRID WARFARE: IRAN'S POWER OF ADAPTATION**

This dissertation aims to investigate Iran's strategic adaptation in the context of the Hybrid Warfare, focusing on the A2/AD strategy. The study sought to understand how Iran integrates conventional and unconventional capabilities to achieve strategic depth and regional deterrence. As a research design, a case study was carried out, addressing the fundamental concepts of Hybrid War, global interdependence, strategy theory, in addition to the evolution of Iran's defensive posture. The results of comparing the theoretical framework with the application of the A2/ strategy AD reveal that Iran has effectively adapted its strategies to changes in the global environment, using conventional and hybrid methods. Global interdependence has amplified the impact of Iran's strategic actions, allowing it to exploit vulnerabilities and maximize its deterrent power. The use of proxies was identified as a key component of their strategy, allowing power projection without direct involvement in conventional conflicts. The research highlighted that Iran's A2/AD strategy, more than a series of isolated actions, represents a comprehensive strategic posture, integrating multiple capabilities to achieve defense in depth. Furthermore, the Hybrid War increased the interaction possibilities of the A2/AD strategy. The analysis also showed that despite changes in the regional context, Iran's strategic objective remained unchanged, reinforcing the flexibility and resilience of its approach. The conclusions indicate that Iran's strategic adaptation can serve as a model for other states with less protagonism on the international stage, showing how asymmetric means can compensate for disparities in conventional military power. Research suggests that understanding the complex context of the hybrid world and the ability to adapt continually are crucial to confronting contemporary threats. The dissertation concludes that Iran's A2/AD strategy, by integrating elements of Hybrid Warfare, offers valuable lessons on formulating defense strategies in an interconnected and dynamic world.

**Keywords:** Strategy A2/AD. Hybrid Warfare. Strategy. Interdependence. Iran. Strategic Adaptation. Proxies. Regional Deterrence. Defense in Depth. Layered Defense.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Modelo do Iceberg.....	50
FIGURA 2 – Visão Geral da Influência Iraniana no Oriente Médio.....	51
FIGURA 3 – Estrutura do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica.....	52
FIGURA 4 – Major-General da Força Quds Qasem Soleimani: presença relatada no Iraque, Líbano, Síria e Rússia, (2012/2018) .....	53
FIGURA 5 – Fluxo Logístico entre Irã e Síria.....	54
FIGURA 6 – Assentos das Eleições Parlamentares Iraquianas em 2018.....	55
FIGURA 7 – Atividades de “ <i>soft power</i> ” do Irã e do <i>Hizballahi</i> na Síria.....	56

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 - O PÓS-GUERRA FRIA E AS TRANSFORMAÇÕES: O MUNDO HÍBRIDO</b> .....	<b>11</b>
2.1 O PODER DA INTERDEPENDÊNCIA: A EVOLUÇÃO DO CONCEITO .....	12
2.2 INTERDEPENDÊNCIA: O SOLO FÉRTIL PARA A GUERRA HÍBRIDA .....	13
2.3 ESTABELECENDO UM CONCEITO .....	16
2.4 AS FRONTEIRAS ENTRE A PAZ E A GUERRA SÃO DILUÍDAS .....	17
2.5 PRINCIPAIS VISÕES E CONCEITOS .....	19
2.6 ESTRUTURA DA ESTRATÉGIA: MEIOS, MODOS E FINS .....	21
2.6.1 Teoria Estratégica e Guerra Híbrida .....	21
<b>3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO IRÃ E A ESTRATÉGIA A2/AD</b> .....	<b>24</b>
3.1 LIÇÕES DO IRAQUE: A PERCEPÇÃO DE AMEAÇA .....	24
3.2 DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES HÍBRIDAS .....	26
3.3 A INVASÃO DO IRAQUE (2003) E A CONSTATAÇÃO DA AMEAÇA .....	27
3.4 A MUDANÇA DE POSTURA NA SÍRIA .....	28
3.5 A ESTRATÉGIA A2/AD IRANIANA .....	30
3.5.1 O Papel dos <i>Proxies</i> na Estratégia Iraniana .....	31
3.6 O USO DA INFORMAÇÃO E CONQUISTAS POLÍTICAS .....	33
3.7 A TRADUÇÃO DA ESTRATÉGIA A2/AD .....	34
<b>4 - IRÃ: ESTRATÉGIAS PARA AS TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS</b> .....	<b>36</b>
4.1 O MUNDO HÍBRIDO E A ADAPTAÇÃO ESTRATÉGICA IRANIANA .....	36
4.2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PODER: A RESPOSTA IRANIANA .....	38
4.3 GUERRA HÍBRIDA E A ESTRATÉGIA A2/AD DO IRÃ .....	40
4.4 A ESTRATÉGIA A2/AD COMO POSTURA ESTRATÉGICA .....	40
4.5 REFLEXÕES E CONCLUSÕES .....	42
<b>5 - CONCLUSÃO</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>47</b>
<b>ANEXO — FIGURAS</b> .....	<b>50</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é marcado por uma complexa interdependência entre os Estados, onde as fronteiras entre guerra e paz, Estado e atores não-estatais, militar e civil são cada vez mais difusas. Esse cenário foi agravado pelas transformações globais no pós-Guerra Fria, gerando um ambiente propício para a emergência de novas formas de conflito, atualmente denominada Guerra Híbrida. Nesse contexto, o Irã se destaca como um exemplo de adaptação estratégica bem-sucedida, utilizando uma combinação de métodos convencionais e híbridos para alcançar seus objetivos.

A relevância deste estudo está na análise da estratégia A2/AD<sup>1</sup> (anti-acesso/negação de área) do Irã, que exemplifica como um Estado pode adaptar suas posturas e estratégias em resposta às mudanças no contexto o qual está inserido. Essa compreensão lança luz sobre como Estados com recursos limitados podem utilizar meios assimétricos e alianças regionais para compensar disparidades em poder militar tradicional, garantindo seus interesses e influenciando a dinâmica regional.

Mormente, o propósito da pesquisa é analisar como o Irã adaptou suas estratégias militares e defensivas no contexto da Guerra Híbrida para obter profundidade estratégica e garantir a dissuasão regional. O estudo visa compreender como a estratégia A2/AD do Irã utiliza uma combinação de recursos convencionais e não convencionais para exercer influência e garantir sua segurança. Esse estudo é particularmente relevante enquanto oferece uma perspectiva detalhada sobre as táticas e abordagens que permitem ao Irã, um ator não hegemônico, projetar poder e influência em um cenário regional complexo.

A questão de pesquisa formulada para atender a esse propósito é: como o Irã tem adaptado sua estratégia A2/AD no contexto da guerra híbrida para garantir profundidade estratégica e dissuasão regional, e quais são as implicações dessa estratégia para a segurança regional?

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, por meio de estudos de caso. Após uma breve introdução, no segundo capítulo, após apresentarmos os principais conceitos, destacaremos a interdependência como um catalisador que intensificou os

---

<sup>1</sup> Sigla do termo em inglês anti-access / area denial (A2/AD). Para este trabalho, será empregado a própria sigla em inglês para se referir a este tipo de estratégia.

efeitos dessas ações, permitindo que Estados explorassem assimetrias nas relações globais.

O terceiro capítulo focará na evolução da postura defensiva do Irã e na implementação da estratégia A2/AD, onde serão analisadas as experiências do Irã em conflitos passados, como a guerra Irã-Iraque e a intervenção na Síria, e como essas experiências moldaram suas estratégias atuais.

No quarto capítulo, é feita uma comparação entre a base teórica e a aplicação da estratégia A2/AD pelo Irã, revelando como a adaptação estratégica do Irã é um exemplo de aplicação prática dos conceitos de guerra híbrida e interdependência.

O último capítulo, sintetizará as principais conclusões obtidas ao longo do estudo, destacando a capacidade do Irã de se adaptar ao mundo híbrido, o papel central que a interdependência possui ao funcionar como elo e catalisador dos efeitos das diversas ações cabíveis ao Estado e as lições que essa adaptação oferece para a Marinha do Brasil e outros Estados que enfrentam desafios semelhantes.

Com essa base estabelecida, iniciaremos a análise da Guerra Híbrida e da interdependência global no próximo capítulo. Exploraremos como esses conceitos fundamentais moldam o ambiente estratégico contemporâneo e fornecem o contexto necessário para entender a evolução da postura defensiva iraniana e a implementação da estratégia A2/AD. Através desta análise, buscamos não apenas compreender a estratégia iraniana, mas também extrair lições valiosas para outras nações que buscam adaptar suas próprias estratégias defensivas em um mundo cada vez mais interconectado e híbrido.

## 2 - O PÓS-GUERRA FRIA E AS TRANSFORMAÇÕES: O MUNDO HÍBRIDO

O fim da Guerra Fria marcou uma transformação significativa na ordem mundial, caracterizando a transição de uma bipolaridade clara para um cenário global mais complexo e fluido, onde a interdependência<sup>2</sup> se tornou um fator crucial nas relações entre os Estados. Esse período foi marcado pela perda de flexibilidade e pelo aumento da insegurança (Nye; Welch, 2017). Com a desintegração da União Soviética no início dos anos 90, um novo panorama foi apresentado, dominado pela hegemonia unipolar dos Estados Unidos, mas também por novas dinâmicas de poder e desafios emergentes.

Nye Jr. (1990, p. 192) afirma que os verdadeiros problemas de um mundo pós-Guerra Fria serão os novos desafios da interdependência transnacional. Ao expandir suas reflexões sobre o assunto em sua obra sobre Poder e Interdependência<sup>3</sup>, Keohane e Nye Jr. (2011) abordam a transformação causada pela revolução da informação<sup>4</sup> na esfera política global. Eles salientam como as novas tecnologias de comunicação diminuíram os custos de organização e cooperação transnacionais e como a difusão da informação diluiu as fronteiras entre assuntos internos e externos (Keohane; Nye Jr., 2011, p. 214).

Essa revolução da informação terminou por afetar como o poder é medido. No século XVIII, o equilíbrio europeu de poder, território, população e agricultura forneceu a base para a infantaria, que era um recurso de poder crucial, e a França foi a principal beneficiária. No século XIX, a capacidade industrial forneceu os recursos cruciais que permitiram à Grã-Bretanha e, mais tarde, à Alemanha ganhar domínio. Em meados do século XX, a ciência, e particularmente a física nuclear, contribuíram com recursos energéticos cruciais para os Estados Unidos e a União Soviética. Neste século, a capacidade de utilizar a informação, definida em termos gerais, será provavelmente o recurso de grande relevância nas disputas de poder (Keohane; Nye Jr., 2011, p. 217).

---

<sup>2</sup> A Teoria da Interdependência, desenvolvida principalmente por Robert Keohane e Joseph Nye, propõe que os estados e seus destinos estão interligados de tal maneira que as ações de um afetam diretamente os outros. Esta teoria sugere que, em um mundo cada vez mais globalizado, as relações internacionais são caracterizadas por uma complexa rede de interdependências econômicas, políticas, sociais e ambientais, onde a cooperação e a competição coexistem (Keohane, Nye Jr., 2011).

<sup>3</sup> Op.Cit. 2011.

<sup>4</sup> Revolução da informação—rápidos avanços tecnológicos em computadores, comunicações e software que levaram a reduções dramáticas no custo de processamento e transmissão de informações (Keohane; Nye Jr., 2011, p. 213).

## 2.1 O PODER DA INTERDEPENDÊNCIA: A EVOLUÇÃO DO CONCEITO

O poder, em sua essência, é a capacidade de influenciar o comportamento dos outros para alcançar os resultados desejados. Ao longo da história, seu conceito sofreu significativas mutações, especialmente após a SGM. Neste período, com o início da era bipolar dominada pelos EUA e pela União Soviética, sua definição era predominantemente centrada na capacidade militar e econômica dos Estados.

Robert Dahl, um dos teóricos clássicos de ciência política, definiu poder como: “A tem poder sobre B enquanto pode levar B a fazer algo que B, de outra forma, não faria” (Dahl, 1957). Esta definição reflete a natureza coercitiva do poder, predominante durante a Guerra Fria, onde a capacidade de coagir e ameaçar era fundamental para seu equilíbrio (Dahl, 1957).

Com o fim da Guerra Fria e o advento de um mundo mais interconectado, o conceito de poder começou a se transformar. Joseph Nye Jr. introduziu as ideias de “*hard power*” e “*soft power*” para explicar as novas dinâmicas emergentes. Enquanto o *hard power* refere-se ao uso de força militar e econômica para coagir outros a agirem conforme a vontade do Estado, o *soft power* é a capacidade de influenciar os outros através de atração e persuasão, moldando suas preferências de maneira que queiram os mesmos resultados desejados pelo influenciador (Nye Jr., 2005). Nye explica:

“O poder é a capacidade de afetar os outros para obter os resultados que você deseja. Existem várias maneiras de afetar o comportamento dos outros: você pode coagi-los com ameaças; pode induzi-los com pagamentos; ou pode atraí-los e cooptá-los para querer o que você deseja. Esta última forma é chamada de 'soft power'. É a capacidade de moldar as preferências dos outros por meio do apelo e da atração. (Nye Jr., 2005, p. 5-6).<sup>5</sup>

A transição de um mundo bipolar para um cenário mais complexo, marcado pela interdependência crescente entre os Estados, alterou como o poder é exercido e medido. Na era da globalização e da informação, a capacidade de influenciar através da comunicação, cultura e ideais tornou-se tão relevante quanto a força militar.

---

<sup>5</sup> No original: “Power is the ability to affect others to obtain the outcomes you want. There are several ways to affect the behavior of others: you can coerce them with threats; you can induce them with payments; or you can attract and co-opt them to want what you want. This last way is called 'soft power'. It is the ability to shape the preferences of others through appeal and attraction”.

Nesse diapasão, a interdependência, discutida desde os anos 1970, evoluiu para o conceito de Globalização nos anos 1990, destacando sua multidimensionalidade que abrange dimensões econômicas, ambientais, militares e sociais (Keohane; Nye Jr., 2011, p. XXV)<sup>6</sup>. O avanço tecnológico e a aceleração desse processo resultaram em uma crescente interdependência econômica e cultural, transformando significativamente as práticas diplomáticas e econômicas (Baylis; Smith; Owens 2019.). Observando as relações estabelecidas entre os Estados e as mudanças pós-Guerra Fria, Nye Jr. e Welch (2017) ressaltam as rápidas transformações, como o aumento das comunicações transnacionais, migração e interdependência econômica, que desafiam e erodem a concepção clássica de ordem e controle estatal (Nye Jr.; Welch, 2017, p.387).

A nova ordem mundial, marcada pela porosidade das fronteiras nacionais promovida pela globalização e pela interdependência entre os Estados como elemento central, apresenta uma estrutura multidimensional, composta por relações e dinâmicas complexas. Esse fenômeno, abordado por Joseph Nye Jr. e David Welch em seu livro, denominado como 'Mundo Híbrido', destaca os novos desafios aos Estados, questionando a eficácia dos instrumentos tradicionais de poder (Nye Jr.; Welch, 2017, p. 388).

Nesse mundo descrito por Nye e Welch, o poder tornou-se mais multidimensional, as estruturas mais complexas e os próprios Estados mais permeáveis, denotando que “a ordem mundial deveria basear-se em algo a mais que somente o equilíbrio de poder militar tradicional” (Nye Jr.; Welch, 2017, p. 386), sugerindo um entrelaçamento de relações econômicas, ambientais, militares e sociais. Neste escopo, a interdependência global não apenas redefiniu o conceito de poder, mas também criou o ambiente ideal para o surgimento de novas formas de conflito.

## 2.2 INTERDEPENDÊNCIA: O SOLO FÉRTIL PARA A GUERRA HÍBRIDA

As transformações nas relações internacionais no pós-Guerra Fria, ao criarem uma rede complexa de interdependência global, forneceram o ambiente propício para o desenvolvimento e a aplicação de ações multidimensionais que se beneficiam dessa característica e das assimetrias criadas pela porosidade das relações estatais. Essas

---

<sup>6</sup> A página XXV em questão consta no prefácio da 4ª edição da obra *Power and Interdependence*.

ações vão além da esfera militar tradicional, explorando dimensões econômicas, políticas, informacionais e culturais, demonstrando que o poder militar isolado não é mais suficiente para enfrentar os desafios contemporâneos.

Com o término da Guerra Fria e a dissolução da União Soviética em 1991, emergiu um sistema multipolar e interconectado, onde a interdependência econômica e política entre as nações se intensificou (Hobsbawm, 1995; Fukuyama, 1992). A globalização acelerada, impulsionada pelo avanço das tecnologias de comunicação e transporte e pela liberalização do comércio e dos mercados financeiros, criou um cenário de interdependência complexa, tornando os Estados mais vulneráveis a influências externas, tanto positivas quanto negativas (Held & McGrew, 2003). A interdependência trouxe benefícios significativos, como o aumento do comércio internacional, a circulação de capital e a cooperação em questões globais, mas também expôs os Estados a novas formas de ameaças.

Nas últimas décadas, a globalização e a crescente interdependência entre Estados têm sido celebradas como forças impulsionadoras de cooperação, paz e progresso econômico. No entanto, com o aumento das interconexões, novas vulnerabilidades começaram a surgir, evidenciando que essas forças, ao mesmo tempo em que facilitam o desenvolvimento e a troca de conhecimento, também podem ser instrumentalizadas para fins de desestabilização (Bargués-Pedreny e Bourekba 2022). A constatação de Leonard de que "a interdependência, outrora aclamada como uma barreira ao conflito, transformou-se em uma moeda de poder, à medida que os Estados tentam explorar as assimetrias em suas relações" (Leonard, 2016, apud Bargués-Pedreny & Bourekba, 2022, p. 12), ilustra como a globalização e a conectividade, inicialmente vistas como promotoras de estabilidade, hoje servem como ferramentas de contestação e manipulação estratégica."

Assim, no contexto contemporâneo, globalização e interdependência não representam mais uma garantia de estabilidade, mas sim uma disputa por influência e poder. Como aponta O'Driscoll (2019), o objetivo em muitos casos não é uma vitória militar ou econômica, mas a desestabilização do adversário, expondo as fraquezas internas dos sistemas políticos e testando a legitimidade de seus valores. Essa dinâmica complexa reforça a necessidade de revisar os modelos de cooperação e governança global para enfrentar os novos desafios impostos por um mundo interconectado, onde as linhas entre cooperação e competição se tornam cada vez mais tênues.

Na última década do século XX, dois coronéis chineses expandiram a compreensão da guerra além de seu domínio militar tradicional e entenderam as tensões que o Estado-Nação convencional estava enfrentando devido à globalização:

“A grande fusão das tecnologias está impulsionando os domínios da política, economia, militar, cultura, diplomacia e religião a se sobreporem mutuamente. Os pontos de conexão estão prontos, e a tendência para a fusão dos vários domínios é muito clara. Todas essas coisas estão tornando cada vez mais obsoleta a ideia de confinar a guerra ao domínio militar e de usar o número de baixas como um meio de medir a intensidade de uma guerra (Liang; Xiangsui, 1999, apud Hoffman, 2007, p. 22, tradução nossa).”<sup>7</sup>

Este conceito expande a definição de guerra para além do domínio militar tradicional, incluindo dimensões como a guerra de informação, guerra financeira e guerra comercial, argumentando que a fusão de tecnologias está impulsionando a sobreposição dos domínios político, econômico, militar, cultural, diplomático e religioso (Hoffman, 2007, p. 22).

Ao assinalar que a principal característica do ambiente de segurança nos últimos anos tem sido predominantemente uma série de ameaças assimétricas, Ahluwalia (2019, p. 17) atribui um papel mais importante à forma híbrida de guerra, corroborando com a leitura de Hoffman (2007, p. 23) sobre a sugestão dos coronéis chineses, sugerindo que futuros conflitos envolverão a combinação de todos os recursos de guerra disponíveis, usando métodos não convencionais para atingir objetivos estratégicos, ampliando o campo de batalha para incluir praticamente todas as esferas da sociedade.

Acompanhando essa diversidade de novos fatores e aspectos multidimensionais, nada mais natural que nos depararmos com diversas interpretações e soluções encontradas pelos Estados para se adaptar a essa nova realidade. Assim, inferindo que o conflito, de forma geral, segue as regras e leis de seu tempo, o mundo híbrido, tal qual se apresenta, é a moldura na qual a guerra híbrida, sua expressão mais fidedigna, encontrou os elementos para manifestar suas mais diversas formas.

---

<sup>7</sup> No original: The great fusion of technologies is impelling the domains of politics, economics, the military, culture, diplomacy, and religion to overlap each other. The connection points are ready, and the trend towards the merging of the various domains is very clear. All of these things are rendering more and more obsolete the idea of confining warfare to the military domain and of using the number of casualties as a means of the intensity of a war.

Assim, podemos concluir que as transformações que caracterizam o atual cenário híbrido também se refletem na forma correspondente de conflito, a Guerra Híbrida, onde as ações militares são insuficientes para abranger todo o espectro de ações possíveis. Esses conflitos extrapolam os campos de batalha tradicionais e envolvem uma combinação complexa de instrumentos de poder<sup>8</sup>, desde operações cibernéticas e campanhas de desinformação até medidas econômicas e ações diplomáticas, refletindo a manifestação da vontade global em formas que vão além dos combates convencionais.

As reflexões apresentadas ilustram como o cenário pós-Guerra Fria e a interdependência global formaram o terreno fértil para o surgimento da Guerra Híbrida. A seguir, aprofundaremos nosso entendimento sobre os conceitos e definições deste tipo de conflito, abordando diferentes perspectivas e interpretações teóricas.

### 2.3 ESTABELECENDO UM CONCEITO

O fim da Guerra Fria marcou uma transformação significativa na ordem internacional. Com a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética, o mundo testemunhou uma redistribuição de poder e influência global. A transição de um sistema bipolar para uma ordem internacional mais complexa criou um ambiente propício para conflitos indiretos e velados que, por sua vez, facilitaram o surgimento e a predominância da Guerra Híbrida.

Os coronéis chineses Liang e Xiangsui apresentaram um conceito de guerra que vai além do domínio militar tradicional, utilizando todos os instrumentos de poder disponíveis, desde os convencionais aos não convencionais (Hoffman, 2007, p. 22), abrangendo desde a pacificação até a coerção e a subversão, empregadas tanto por Estados quanto por atores não estatais (Ahluwalia, 2019, p. 18).

O conceito apresentado pelos oficiais chineses, segundo eles um método de guerra completamente novo, explora os benefícios das 'combinações' entre os vários

---

<sup>8</sup> Conforme discutido na teoria das relações internacionais, referem-se aos meios pelos quais os Estados exercem influência e controlam eventos para alcançar objetivos estratégicos, incluindo o poder militar, o poder econômico e o poder diplomático, bem como formas mais sutis de influência, como o poder cultural e ideológico, sendo fundamentais para compreender a dinâmica do poder em um sistema internacional. (Nye Jr., 2005).

domínios<sup>9</sup>. Enquanto no passado, os comandantes eram mestres das combinações, essas eram todas alcançadas no domínio militar. Na Guerra Irrestrita<sup>10</sup>, os futuros comandantes devem dominar a capacidade de 'combinar' todos os recursos de guerra à sua disposição e usá-los como meios para conduzir a guerra. Esses recursos devem incluir guerra de informação, guerra financeira, guerra comercial e outras formas inteiramente novas de guerra (Hoffman, 2007, pp. 22–23).

Desta forma, podemos assumir que a Guerra Híbrida integra diversos domínios e demonstra como as vulnerabilidades de um Estado podem ser exploradas mediante uma combinação de instrumentos híbridos. A não linearidade e a aplicação simultânea de múltiplas táticas em diferentes domínios aumentam a complexidade da defesa contra essas ameaças. (Patriota, 2022, p. 18).

Com uma compreensão inicial dos fundamentos e da importância da interdependência global para a emergência da Guerra Híbrida, é crucial aprofundar nossa análise sobre como essas transformações impactaram a distinção tradicional entre guerra e paz, diluindo essas fronteiras, utilizando uma variedade de métodos para atingir seus objetivos sem desencadear conflitos armados convencionais.

#### 2.4 AS FRONTEIRAS ENTRE A PAZ E A GUERRA SÃO DILUÍDAS

A interdependência não diminuiu a competição por poder e influência. Em vez disso, ela a transformou, com Estados buscando atingir seus objetivos por meio de meios que não desencadeiem uma resposta militar direta. A diminuição da aceitabilidade política e social para guerras convencionais levou ao desenvolvimento de estratégias mais sutis e encobertas (Patriota, 2022, p. 3).

A distinção entre estados de guerra e paz tornou-se menos clara, com fronteiras cada vez mais fluidas entre os domínios físico, digital e psicológico. As Guerras Híbridas são multidimensionais, utilizando uma gama de táticas, técnicas e procedimentos que vão além das abordagens militares convencionais. Analistas destacam que as ações híbridas frequentemente permanecem abaixo do limiar de

---

<sup>9</sup> Os domínios nas estratégias militares referem-se aos diferentes ambientes nos quais as operações militares podem ser conduzidas, tradicionalmente incluindo terra, mar e ar. Com o avanço tecnológico, os domínios de operações expandiram-se para incluir o espaço e o ciberespaço (TANGREDI, 2013).

<sup>10</sup> Vale destacar que é uma visão chinesa, então é natural que os “comandantes” possam recorrer aos outros instrumentos de poder, por se tratar de um estado totalitário.

guerra para desgastar o oponente enquanto evitam uma escalada do conflito (Friedman, 2018 apud Bargués-Pedreny; Bourekba, 2022, p.).

O “modelo do iceberg”, de acordo com a figura 1, é uma boa ferramenta para entender essas características da Guerra Híbrida. A maioria das ações hostis ocorre abaixo do limiar da resposta hostil, onde as ameaças híbridas se ocultam “abaixo da linha d’água”, impedindo a reação armada por parte dos Estados atingidos. Esse modelo ilustra a dualidade das ações na Guerra Híbrida. Enquanto sua parte visível representa as ações diretas, como intervenções militares, a parte submersa simboliza as operações encobertas, como ataques cibernéticos, campanhas de desinformação, sabotagem econômica e guerra jurídica (*lawfare*). Esta representação explica como as ações híbridas conseguem permanecer fora do radar e evitar a resposta militar, mantendo-se abaixo do limiar de reação armada (Patriota, 2022, p. 5).

Sua eficácia reside na sua habilidade de causar danos e influenciar decisões políticas sem serem diretamente atribuíveis ou claramente visíveis. A habilidade de operar nas profundezas do “iceberg” é alcançada com o uso de diversos mecanismos de influência, que vão além das abordagens militares convencionais. A Guerra Híbrida é um conceito que abrange o uso de diversos instrumentos, não necessariamente militares, para atingir os objetivos de um Estado adversário sem ultrapassar o limiar de aceitabilidade para uma reação armada, aproveitando a combinação de ações encobertas e visíveis para enfraquecer o inimigo sem recorrer à guerra tradicional declarada, desafiando suas concepções tradicionais (Patriota, 2022, p. 3).

Conforme destacado na *Multinational Capability Development Campaign*<sup>11</sup> (Cullen; Reichborn-Kjennerud, 2017), a Guerra Híbrida sincroniza meios militares, políticos, econômicos, civis e informacionais para criar incerteza e confusão, utilizando uma ampla gama de instrumentos, como operações cibernéticas, campanhas de desinformação e pressões econômicas. Essa incerteza dos ataques híbridos desfoca as fronteiras entre guerra e paz, explorando as oportunidades de um mundo interconectado e globalizado para enfraquecer o adversário sem gastar recursos no campo de batalha convencional” (Colom; Piella, 2018, apud Bargués-Pedreny, Bourekba, 2022).

Essas mudanças são percebidas nos conflitos contemporâneos, onde a Guerra Híbrida emerge como a expressão mais fiel das novas dinâmicas globais, com as

---

<sup>11</sup> [https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5b2904aded915d2cd5d01bfd/MCDC\\_CHW\\_Informati on\\_Note-Understanding\\_Hybrid\\_Warfare-Jan\\_2018.pdf](https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5b2904aded915d2cd5d01bfd/MCDC_CHW_Informati on_Note-Understanding_Hybrid_Warfare-Jan_2018.pdf)

ações tradicionais militares se entrelaçando com estratégias políticas, econômicas, informacionais e cibernéticas, como forma atual de conflito, adaptando-se perfeitamente ao Mundo Híbrido<sup>12</sup>.

Ao destacar como as fronteiras entre paz e guerra se tornaram menos nítidas, é possível observar a complexidade e a abrangência das ações híbridas. No próximo tópico, exploraremos as principais visões e conceitos sobre a Guerra Híbrida, conforme definidas por diversos estudiosos e nações.

## 2.5 PRINCIPAIS VISÕES E CONCEITOS

Até o momento deste trabalho, podemos constatar como o fenômeno da Guerra Híbrida é complexo e está intrinsecamente ligado à ideia da interdependência que vigora nas relações entre os mais diversos atores no mundo de hoje. A compreensão das diferentes definições de Guerra Híbrida é essencial para captar a complexidade desse fenômeno. Diversos estudiosos e nações oferecem perspectivas únicas que refletem suas experiências e contextos específicos. Neste tópico, exploraremos algumas das principais definições de Guerra Híbrida, procurando lançar luz sobre o assunto e compreendê-lo para ser possível partir para análises mais específicas no contexto deste trabalho.

Entre as diversas abordagens para entender a Guerra Híbrida, destaca-se a visão de Frank Hoffman, que descreve esse fenômeno da seguinte forma.

As Guerras Híbridas podem ser travadas por Estados ou grupos políticos e incorporar uma série de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas, incluindo violência e coerção indiscriminadas, e desordem criminal. (Hoffman, 2007, p.58)<sup>13</sup>.

Para o General Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Rússia desde 2012, a Guerra Híbrida é definida de maneira distinta, abrangendo um espectro mais amplo de atividades. descreve essa abordagem como “uma combinação de táticas militares e não-militares, incluindo guerra de informação, guerra cibernética e o uso de forças especiais para criar instabilidade” (Gerasimov,

---

<sup>12</sup> Nye Jr.; Welch; Op. Cit. 2017.

<sup>13</sup> No original: “Hybrid Wars can be waged by states or political groups and incorporate a range of different modes of warfare including conventional capabilities, irregular tactics and formations, terrorist acts including indiscriminate violence and coercion, and criminal disorder”.

2018, apud. Orenstein, 2019, p. 3).<sup>14</sup> Segundo os militares russos, o objetivo de uma guerra híbrida é obter a capacidade de determinar a governança de longo prazo e a orientação geoestratégica de um estado-alvo, impondo sua visão de mundo, valores e interesses sobre o estado adversário (Qureshi, 2020, p. 181).

Gerasimov observa que a linha entre estados de paz e guerra está desaparecendo <sup>15</sup> . Adicionalmente, destaca a intensificação da confrontação interestatal, que agora abrange não apenas as esferas políticas, econômicas e de informação, mas também diplomáticas, científicas, esportivas e culturais. Ele enfatiza que a luta armada não recuou para o plano de fundo, mas se integrou a um sistema uniforme que inclui todos os recursos de ataque e fogo, ampliando o papel da guerra eletrônica, dos efeitos informacionais e dos efeitos psicossociais (Orenstein, 2019, p.4).

Essa abordagem integrada é projetada para explorar as vulnerabilidades específicas dos adversários e criar um ambiente de conflito constante e de baixa intensidade. A Guerra Híbrida Russa visa desestabilizar governos, manipular a opinião pública e alcançar objetivos estratégicos sem recorrer a confrontos diretos. Em suma, a guerra híbrida russa representa uma forma de conflito onde todos os aspectos da sociedade são utilizados para criar pressão sobre o adversário e alcançar os objetivos desejados.

Desta forma, podemos perceber as grandes diferenças existentes entre a visão de Hoffman e de Gerasimov do mesmo fenômeno:

[...] na Rússia, o atual entendimento de Guerra Híbrida remonta ao pensamento estratégico russo pré-revolução bolchevique. Ao contrário da origem do termo nos EUA, que focava os níveis tático e operacional, o conceito russo tem origem em ideias de maior amplitude, culminando com a concepção de que a Guerra Híbrida é um fenômeno que vai além do campo militar. Esse conceito tem raízes na evolução do pensamento estratégico russo (Patriota, 2022, p. 7).

A Guerra Híbrida Russa assemelha-se mais ao conceito de Guerra Política (*Political Warfare*) dos EUA, conforme cunhado por George Kennan<sup>16</sup> em 1948,

---

<sup>14</sup> Apresentação de 2018 do Chefe do Estado-Maior Russo, Valery Gerasimov, à Academia de Estado-Maior: Reflexões sobre o futuro conflito militar—março de 2018.

<sup>15</sup> O General Gerasimov apresentou a “guerra de nova geração”, destacando que a linha entre estados de paz e guerra está desaparecendo. Ele enfatizou que a guerra moderna não se limita a operações militares convencionais, mas envolve uma ampla gama de atividades não militares que são igualmente importantes para alcançar objetivos estratégicos. (Orenstein, 2019, p. 2)

<sup>16</sup> George F. Kennan foi um diplomata e historiador americano, conhecido como o principal arquiteto da política de contenção dos EUA durante a Guerra Fria. Ele formulou a doutrina que guiou a estratégia

quando definiu Guerra Política como o emprego de todos os meios sob o comando de uma nação, sem estar em guerra, para alcançar seus objetivos nacionais. Esses meios vão desde ações políticas abertas até operações secretas” (Kennan, 1948).

Em suma, as diferentes visões e conceitos sobre a Guerra Híbrida ressaltam a complexidade desse fenômeno. A convergência desses conceitos sublinha a importância de uma abordagem multidimensional para entender e enfrentar a Guerra Híbrida. Compreender essas nuances é essencial para desenvolver estratégias eficazes de resposta e defesa em um cenário de conflito cada vez mais difuso e interconectado.

## 2.6 ESTRUTURA DA ESTRATÉGIA: MEIOS, MODOS E FINS

A evolução do pensamento estratégico militar levou ao desenvolvimento de uma estrutura teórica robusta que compreende a estratégia em termos de “meios, modos e fins”. Essa abordagem tem suas raízes nas ideias de grandes estrategistas como Sun Tzu e Clausewitz, que enfatizaram a importância de alinhar recursos e métodos para alcançar objetivos políticos e militares.

Clausewitz define estratégia como o uso do engajamento para alcançar os objetivos da guerra (Clausewitz, 2007, p. 132)., *et al.*, 1984). Construindo sobre essa definição, Colin S. Gray (2019, p. 29) define estratégia como a direção e o uso da força e de sua ameaça para os propósitos da política conforme decidido pela política.

A estrutura de “meios, modos e fins” foi popularizada por Arthur F. Lykke<sup>17</sup>, que propôs que a estratégia consista em três componentes principais: objetivos (fins), cursos de ação (modos) e recursos (meios) (Caliskan, 2019, p. 5). Os objetivos referem-se às metas que se deseja alcançar, os cursos de ação são as abordagens ou métodos para atingir essas metas, e os recursos são os meios disponíveis para implementar esses cursos de ação.

### 2.6.1 Teoria Estratégica e Guerra Híbrida

---

dos EUA para conter a expansão soviética após a Segunda Guerra Mundial. Kennan, G. F. (1948). *Policy Planning Memorandum*. U.S. Department of State.

<sup>17</sup> Oficial do Exército dos Estados Unidos e um teórico militar renomado, conhecido principalmente por sua contribuição ao campo da estratégia militar. Ele é mais famoso por seu trabalho no U.S. Army War College, onde desenvolveu um modelo de estratégia que é frequentemente referenciado na literatura militar. *Defining Military Strategy*. U.S. Army War College, 1989.

A Guerra Híbrida é uma forma de conflito que representa uma revolução na aplicação dessa estrutura estratégica. Essa abordagem integrada permite que os atores híbridos explorem vulnerabilidades em múltiplos domínios, tornando a defesa contra essas ameaças mais complexas, exigindo uma estratégia altamente flexível e adaptável. A capacidade de responder rapidamente às mudanças no ambiente operacional e de integrar os instrumentos de poder (militar, diplomático, econômico e informacional) é muito importante para o sucesso.

A estrutura “meios, modos e fins” oferece uma maneira eficaz de compreender e desenvolver estratégias em um ambiente de segurança cada vez mais complexo. A Guerra Híbrida ampliou o escopo dos recursos e métodos disponíveis, permitindo uma abordagem mais integrada e multidimensional para alcançar os objetivos estratégicos, sublinhando a importância de integrar fatores não-militares<sup>18</sup>, incluindo operações cibernéticas, campanhas de desinformação e pressões econômicas, que podem fazer tanta diferença quanto as operações militares tradicionais, refletindo a necessidade de adaptação contínua na formulação de estratégias para enfrentar os desafios modernos.

Este capítulo mostrou como as transformações no cenário global pós-Guerra Fria, marcadas pela crescente interdependência, formaram o terreno fértil para a emergência do Mundo Híbrido. A globalização e as novas tecnologias intensificaram a interconectividade entre os Estados, criando um ambiente onde a Guerra Híbrida pode prosperar, sendo uma resposta às peculiaridades do contexto atual, adaptando-se às novas realidades do poder e das relações internacionais.

Neste “Mundo Híbrido”, o conceito de poder também se moldou às novas características do ambiente global. A distinção tradicional entre “*hard power*” e “*soft power*” evoluiu para incluir uma gama de ações que exploram as vulnerabilidades dos adversários em múltiplos domínios. As fronteiras entre paz e guerra foram diluídas, com ações que permanecem muitas vezes abaixo do limiar de guerra aberta, tornando a resposta a essas ameaças mais desafiadoras.

A complexidade do fenômeno deu origem a várias visões e conceitos. As diferentes perspectivas refletem a necessidade de uma abordagem estratégica

---

<sup>18</sup> Somente após a anexação da Crimeia pela Rússia que os fatores não-militares começaram a ser incorporados com mais frequência na definição. No entanto, eles foram compreendidos de maneira arbitrária, em vez de sistemática (Caliskan, 2019, p. 17).

flexível e adaptável, capaz de responder rapidamente às mudanças no ambiente operacional e de integrar diversos recursos para atingir objetivos estratégicos.

A estrutura teórica é fundamental para entender como as estratégias são formuladas e implementadas na Guerra Híbrida. Esta abordagem permite uma visão holística da estratégia, integrando recursos militares e não-militares eficazmente para enfrentar os desafios modernos. Com essa base teórica estabelecida, estamos preparados para mergulhar na análise detalhada da estratégia A2/AD do Irã no próximo capítulo. Exploraremos como o Irã, utilizando uma abordagem híbrida, projeta poder e influência na região, apesar de suas limitações convencionais. Este estudo fornecerá lições sobre a aplicação prática da teoria estratégica em contextos geopolíticos complexos, oferecendo lições cruciais para o desenvolvimento de estratégias eficazes em outros cenários estratégicos.

### 3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO IRÃ E A ESTRATÉGIA A2/AD

Neste capítulo, examinaremos como as experiências históricas do Irã moldaram a percepção de ameaça, enfatizando a adoção de uma abordagem híbrida e a implementação progressiva da estratégia de anti-acesso / negação de área (A2/AD). A análise abrange três momentos históricos distintos: a guerra Irã-Iraque (1980–1988), a invasão americana ao Iraque em 2003 e a guerra civil na Síria iniciada em 2011, proporcionando lições críticas que contribuíram para a evolução contínua e adaptação de suas capacidades defensivas e ofensivas.

Inicialmente, a guerra Irã-Iraque destacou a necessidade de autossuficiência tecnológica e a criação de alianças não tradicionais, moldando a percepção iraniana de ameaça e influenciando a adoção de uma estratégia de defesa em camadas. Posteriormente, a invasão do Iraque pelos Estados Unidos revelou vulnerabilidades e assimetrias entre o poder de combate iraniano e americano, levando à concepção da defesa em mosaico, combinando elementos convencionais e não convencionais para projetar poder e influência. Por fim, a intervenção na guerra civil síria permitiu a aplicação das capacidades híbridas do Irã, consolidando sua defesa e garantindo profundidade estratégica.

A evolução das respostas iranianas em resposta a esses eventos históricos mostra como a construção da estratégia A2/AD foi um processo contínuo, abordando seus fundamentos, suas alianças, o uso da informação e as conquistas políticas, culminando na tradução dessas experiências na atual estratégia de defesa do Irã.

#### 3.1 LIÇÕES DO IRAQUE: A PERCEPÇÃO DE AMEAÇA

A Revolução Islâmica do Irã<sup>19</sup> e a subsequente guerra com o Iraque tiveram um impacto profundo na formação das estratégias militares e na percepção de ameaça

---

<sup>19</sup> A Revolução Islâmica do Irã, ocorrida em 1979, foi um movimento que resultou na derrubada do xá Mohammad Reza Pahlavi e na transformação do Irã de uma monarquia pró-Occidente em uma república islâmica teocrática liderada pelo Ayatollah Ruhollah Khomeini. Este evento marcou uma mudança na política interna e externa do país, resultando em hostilidades internas contra dissidentes e grupos étnicos minoritários, bem como em confrontos externos, incluindo a guerra com o Iraque (1980–1988) e um período de isolamento diplomático e sanções econômicas por parte das potências ocidentais (Abrahamian, Ervand. *Iran Between Two Revolutions*. Princeton University Press, 1982).

do Irã. Este conflito não apenas moldou a percepção de ameaça, mas também destacou a necessidade de uma adaptação estratégica significativa.

A principal característica deste conflito foi uma linha de frente de trincheiras que se movia pouco, reminiscentes da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e pela constante falta de material bélico. Em essência, o Irã não tinha falta de homens, mas carecia de tecnologia suficiente para se sobrepôr ao inimigo (Parsi, 2015, p. 234). Além disso, essa falta de tecnologia e o afastamento de antigos aliados regionais e globais forçaram o Irã a adotar uma abordagem de autossuficiência e a buscar novas parcerias estratégicas (IISS, 2019, p. 11).

A guerra com o Iraque permitiu que o Irã tirasse importantes lições, constatando que o país não tinha capacidade, nem meios, para desenvolver um exército convencional moderno, levando a uma adaptação estratégica. A nova liderança entendeu que precisaria dissuadir futuros atacantes antes de adentrarem no Irã, chegando a duas importantes decisões. Primeiramente, constituir aliados e desenvolver capacidades além de suas fronteiras para afastar inimigos potenciais, como uma forma de criar profundidade estratégica. Em segundo lugar, essa estratégia não requereria a projeção de forças militares convencionais estacionadas em bases, as quais o Irã não poderia sustentar, mas sim uma infraestrutura estendida de forças irregulares com parceiros locais (Parsi, 2015, p. 234).

Conseqüentemente, a guerra Irã-Iraque não apenas moldou a percepção de ameaça do Irã, mas também destacou a necessidade de uma defesa em camadas para garantir a sobrevivência do país em face a adversidades. Com mais de um milhão de baixas e um custo econômico devastador, o conflito reforçou a importância de uma abordagem de defesa que combinasse resposta assimétrica e resiliência interna. Baseado nisso, o pensamento estratégico do Irã evoluiu para se basear em uma “rede de dissuasão” e uma “defesa avançada”, criando uma série de círculos de segurança ao redor do país para aumentar os custos das ações inimigas e neutralizar ameaças além das fronteiras oficiais (Barzegar; Rezaei, 2017, pp. 2 - 5).

Portanto, a experiência da Revolução Islâmica e da guerra com o Iraque moldou profundamente sua abordagem estratégica. A ênfase na autossuficiência tecnológica e na criação de alianças não tradicionais continua a influenciar a política externa e de defesa do Irã até hoje. O país aprendeu a se adaptar às adversidades e a desenvolver capacidades internas para enfrentar ameaças externas, o que tem sido um fator importante para sua resiliência na região instável do Oriente Médio. Além

disso, a guerra reforçou a percepção iraniana de vulnerabilidade e a necessidade de estar constantemente preparado para defender sua soberania contra agressões externas.

### 3.2 DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES HÍBRIDAS

A evolução das capacidades híbridas do Irã foi facilitada por várias estruturas e iniciativas estratégicas, principalmente devido às limitações tecnológicas e ao isolamento internacional enfrentado após a Revolução Islâmica e da guerra Irã-Iraque. Essas estruturas foram fundamentais para moldar a concepção estratégica iraniana contemporânea.

Primeiramente, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica<sup>20</sup> (IRGC, na sigla em inglês) desempenhou um papel central na adaptação das táticas militares. Desde sua formação, o IRGC incorporou características de forças irregulares, combinando operações militares com segurança interna e atividades paramilitares. Essa estrutura permitiu ao IRGC desenvolver flexibilidade e adaptabilidade, essenciais para sua evolução como uma força híbrida (Parsi, 2015, p. 234).

Além disso, o investimento significativo em tecnologias de mísseis balísticos durante e após a guerra Irã-Iraque foi uma iniciativa estratégica importante, focando no desenvolvimento dessa capacidade autossuficiente, tornando-se um pilar central de sua estratégia de defesa. Esses mísseis permitiram ao Irã projetar poder e dissuadir adversários sem depender de uma grande força militar convencional (IISS, 2019, p.11).

A estratégia de “defesa em mosaico” emergiu como uma abordagem defensiva inovadora, envolvendo a criação de uma rede de defesas descentralizadas e assimétricas, dificultando a capacidade de qualquer invasor de obter uma vitória rápida e decisiva. Essa postura [estratégica] dispersa as capacidades defensivas do Irã em várias camadas, tanto dentro quanto fora do país, utilizando diferentes métodos de resistência para desgastar e desestabilizar potenciais invasores (Cordesman, 2019,

---

<sup>20</sup> O Corpo de Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) é uma organização militar fundada após a Revolução Islâmica de 1979, com a missão de proteger o sistema republicano islâmico do Irã e evitar golpes de estado internos. O IRGC é uma força que realiza operações militares, segurança interna e atividades paramilitares, além de controlar unidades especiais como a Força Quds. O IRGC é considerado uma entidade poderosa e influente na política e economia iraniana (IISS, 2019).

p. 2; Tangredi, 2013), sendo uma abordagem de múltiplas camadas que utiliza armas e táticas não convencionais (Parsi, 2015, p. 237).

Outro fator crítico foi o desenvolvimento e a coordenação de forças *proxy*<sup>21</sup> pelo IRGC, particularmente através da Força Quds<sup>22</sup>, sua unidade de elite, a qual sob a liderança de Qassem Soleimani<sup>23</sup>, expandiu suas operações, de acordo com a figura 4, fornecendo treinamento, financiamento e suporte logístico a grupos aliados na região, como o Hezbollah. Essa abordagem permitiu ao Irã projetar poder e influência sem se envolver diretamente em conflitos, consolidando sua defesa em profundidade (IISS, 2019, p. 16).

Essas estruturas, combinadas com a necessidade de autossuficiência tecnológica e a formação de parcerias estratégicas, permitiram ao Irã transformar suas vulnerabilidades em pontos fortes. A abordagem híbrida, exemplificada pela defesa em mosaico e o papel central do IRGC e da Força Quds, permitiu ao Irã consolidar-se como um ator relevante na região, conseguindo dissuadir ameaças e proteger seus interesses estratégicos.

### 3.3 A INVASÃO DO IRAQUE (2003) E A CONSTATAÇÃO DA AMEAÇA

A invasão do Iraque liderada pelos Estados Unidos em 2003 marcou um ponto de inflexão na estratégia militar iraniana. Este evento não apenas destacou a vulnerabilidade do Iraque, mas também proporcionou ao Irã a oportunidade de aplicar aspectos ofensivos de sua doutrina militar.

A presença militar dos EUA no Golfo Pérsico aumentou a sensação de cerco em Teerã (Parsi, 2015, p. 234). A maioria xiita no Iraque oferecia ao Irã a perspectiva de um estado árabe aliado, proporcionando profundidade estratégica e controle sobre

---

<sup>21</sup> *Proxies* são grupos ou forças paramilitares que atuam em nome de um país para exercer influência e poder em uma região sem um envolvimento militar direto. Treinados, financiados e apoiados logisticamente pelo estado patrocinador, esses proxies permitem que o país alcance seus objetivos enquanto mantém um grau de negação plausível. (IISS, 2019).

<sup>22</sup> A Força Quds é uma unidade de elite do Corpo de Guarda da Revolução Islâmica (IRGC) especializada em operações extraterritoriais. É responsável por treinar, financiar e fornecer suporte logístico a grupos aliados do Irã em diversos Estados, atuando como um braço do IRGC para a projeção de poder e influência iraniana no exterior. (IISS, 2019).

<sup>23</sup> O General Qassem Soleimani comandou a Força Quds do Corpo de Guarda da Revolução Islâmica (IRGC) de 1998 até sua morte em 2020. Reconheceu as limitações das estratégias convencionais durante a Guerra Irã-Iraque, adotou abordagens não convencionais e redefiniu a guerra por procuração, reforçando a profundidade estratégica do Irã. Além das operações militares, Soleimani utilizou meios culturais, econômicos e diplomáticos para avançar os interesses iranianos e construir alianças que fortaleceram sua posição no Oriente Médio. (Iran Observer; The Soleimani Doctrine).

os curdos iraquianos, além de pressionar vizinhos como Jordânia, Kuwait e Arábia Saudita (IISS, 2019, p. 18).

O conflito no Iraque apresentou quatro características que foram essenciais para o sucesso da intervenção iraniana, bem como para outras aventuras futuras: um estado falido de importância geoestratégica com oposição desorganizada; uma comunidade xiita sob ameaça existencial; fluxo logístico eficiente para transferência de pessoal e material; e a ausência de um ator externo capaz de ameaçar os interesses iranianos significativamente (IISS, 2019, p. 19).

Essa percepção de ameaça levou o Irã a passar de medidas defensivas para o desenvolvimento de capacidades ofensivas, evitando confrontos diretos com adversários poderosos e focando no uso de forças não convencionais e proxies (IISS, 2019), frustrando os objetivos dos EUA no Iraque e remodelando a dinâmica política do país a seu favor.

Portanto, a invasão do Iraque em 2003 proporcionou ao Irã uma oportunidade de aplicar e desenvolver suas capacidades ofensivas. A adoção da estratégia de defesa em mosaico permitiu ao Irã contrabalançar a influência ocidental, adotando uma abordagem que combinava diplomacia e emprego militar, fortalecendo relações com grupos xiitas no Iraque, demonstrando a eficácia das operações de guerra assimétrica e do uso de *proxies* na estratégia iraniana.

Essa postura permitiu ao Irã projetar poder e influência sem se envolver diretamente em conflitos de grande escala, estabilizando áreas e dificultando as operações das forças de ocupação. Esta experiência sublinhou a importância da flexibilidade estratégica e da utilização de táticas não convencionais para compensar a inferioridade militar convencional.

### 3.4 A MUDANÇA DE POSTURA NA SÍRIA

A guerra civil na Síria, iniciada em 2011 durante a Primavera Árabe<sup>24</sup>, foi vista pelo Irã como uma oportunidade estratégica para garantir a sobrevivência do regime de Assad, um aliado chave no eixo xiita que se estende do Irã ao Líbano (Youssef,

---

<sup>24</sup> Primavera Árabe refere-se a uma série de protestos e revoltas populares que ocorreram no Oriente Médio e Norte da África a partir de 2010, com o objetivo de derrubar regimes autoritários e buscar reformas democráticas, com um impacto significativo na dinâmica política da região, afetando as estratégias de segurança e defesa de vários Estados, incluindo o Irã. (Anderson, 2011, p. 5).

2016, p. 16). A intervenção foi justificada como defesa dos santuários xiitas, mas visava manter Assad como aliado estratégico. A Força Quds coordenou operações militares complexas, incluindo o envio de combatentes do Hezbollah e milícias xiitas de vários Estados, combinando forças regulares e irregulares para estabilizar o regime de Assad e aumentar a influência iraniana na região (Tangredi, 2013).

A intervenção do Irã na Síria exemplifica a aplicação de suas capacidades híbridas para apoiar aliados regionais e manter a influência iraniana na região (IISS, 2019, p. 14). Desde o início do conflito em 2011, o Irã forneceu apoio militar significativo ao regime de Assad, incluindo armas, treinamento e suporte logístico (Ostovar, 2018, pp. 17–18), consolidando sua posição, de acordo com a figura 5, e mantendo a influência iraniana no Levante<sup>25</sup>, essencial para sua profundidade estratégica (Barzegar; Rezaei, 2017, p. 46).

Ao apoiar Assad, o Irã reforçou um aliado estratégico e criou um contrapeso à influência dos EUA na região (Barzegar; Rezaei, 2017). A estratégia de defesa em profundidade do Irã, utilizando forças *proxy* como o Hezbollah, criou várias linhas de defesa fora das fronteiras iranianas, protegendo os interesses estratégicos do Irã<sup>26</sup>. Essa percepção estratégica levou à crescente participação da IRGC na guerra síria, expandindo-se de conselheiros para tropas em combate direto (Ostovar, 2018, p. 18).

A intervenção na Síria demonstrou a capacidade do Irã de projetar poder regionalmente por meio de forças *proxy*, desgastando recursos e moral dos adversários regionais, especialmente Arábia Saudita e outros estados do Golfo (Ostovar, 2018, pp. 21–22), envolvendo a formação de uma “rede de dissuasão” através da presença ativa em movimentos de segurança e políticos. Esta abordagem visa aumentar os custos das ações inimigas e neutralizar ameaças em áreas além das fronteiras oficiais do país. O *Ayatollah* Khamenei destacou que a influência regional e a capacidade de uma nação ou estado são um suporte vital para sua

---

<sup>25</sup> O Levante é uma região histórica no Oriente Médio, compreendendo principalmente os atuais Estados de Síria, Líbano, Jordânia, Israel e Palestina. O termo é usado para descrever a área ao leste do Mar Mediterrâneo, e historicamente, tem sido um ponto de encontro de várias culturas e civilizações devido à sua localização estratégica. (Mansfield, 2013).

<sup>26</sup> Mehdi Taeb, antigo comandante da divisão paramilitar *Basij* do IRGC afirmou que a Síria era mais vital para a segurança do Irã do que a província do sul de Khuzistão, que havia sido invadida e ocupada pelos iraquianos em 1980: “Se o inimigo atacar e pretender capturar a Síria e o Khuzistão, a nossa prioridade seria a Síria. Porque, se mantivermos a Síria, seremos capazes de retomar o Khuzistão; no entanto, se a Síria fosse perdida, não seríamos capazes de manter nem mesmo Teerã. (Ostovar, 2018, p. 18).

segurança e independência, reforçando a importância de uma presença estratégica robusta na região (Barzegar; Rezaei, 2017, p. 36).

Esse episódio marcou a evolução do conceito estratégico iraniano, onde o apoio a aliados regionais e a manutenção da influência iraniana foram alcançados por meio de uma combinação de apoio militar direto, criação de milícias locais modeladas em forças iranianas e o uso de *proxies* regionais. Desde o início do conflito, o Irã demonstrou habilidade ao adaptar suas estratégias defensivas para incluir táticas ofensivas, integrando-se profundamente com as forças sírias e garantindo uma presença estratégica de longo prazo na região (Parsi, 2015, p.238).

### 3.5 A ESTRATÉGIA A2/AD IRANIANA

A estratégia de anti-acesso e negação de área do Irã é resultado das lições aprendidas em conflitos históricos, que moldaram a percepção iraniana de ameaças e influenciaram a adaptação de suas capacidades defensivas e ofensivas. Visando compensar suas limitações tecnológicas e de recursos militares convencionais, o Irã criou uma rede de defesas descentralizadas como uma tentativa de dificultar uma vitória rápida e decisiva de qualquer invasor. A combinação de forças irregulares, *proxies* regionais e tecnologias avançadas evoluiu para a estratégia A2/AD, focada na defesa e dissuasão com capacidades assimétricas (Parsi, 2015, p. 233).

O Estado iraniano verificou a eficácia das operações de forças irregulares, apoiando e organizando milícias como o Hezbollah, que se tornaram *proxies* em sua estratégia de defesa, criando uma zona tampão contra ameaças externas. Sem a capacidade de igualar a força militar convencional de seus adversários, o Irã adotou uma estratégia de dissuasão assimétrica, aumentando os custos de qualquer ação militar contra o país e dificultando as operações inimigas (McInnis, 2016; Tangredi, 2013).

A doutrina militar do Irã, fortemente orientada pela liderança estratégica do Ayatollah Khamenei, adota uma postura defensiva, que se apoia na dissuasão ativa e em alianças regionais para garantir sua segurança. Em vez de buscar confrontos diretos, o Irã prioriza a criação de um ambiente hostil ao invasor, limitando sua mobilidade. Essa abordagem evidencia uma adaptação estratégica em que a resistência se constrói a partir do aumento das capacidades assimétricas e de um complexo sistema de alianças, que atuam como multiplicadores de força e elevam o

custo de qualquer incursão militar contra o país (Parsi, 2015, p. 236; Barzegar & Rezaei, 2017).

### 3.5.1 O Papel dos *Proxies* na Estratégia Iraniana

O Irã tem buscado conexões com grupos insurgentes e militantes que compartilham seus objetivos estratégicos e ideológicos, utilizando-os como *proxies*, permitindo expandir sua influência e atingir seus objetivos sem envolvimento direto (Parsi, 2015, p. 238). A presença e o apoio contínuo a grupos como o Hezbollah no Líbano e milícias xiitas no Iraque foram fundamentais para garantir uma rede de aliados que poderiam ser mobilizados para proteger os interesses iranianos na região (Barzegar; Rezaei, 2017, p. 46). A missão extraterritorial do IRGC de apoiar movimentos revolucionários depende do seu elemento subordinado, a Força Quds (*Niru-ye Quds*), estabelecida nos primeiros anos da Guerra Irã-Iraque. A Força Quds foi criada para se envolver em conflitos extraterritoriais de baixa intensidade em apoio aos muçulmanos “oprimidos” (IISS, 2019, p. 16).

Em 1990, o Aiatolá Khamenei afirmou que a missão da Força Quds era “estabelecer células populares do Hezbollah em todo o mundo”. Esta missão foi reiterada em 2016 pelo Comandante-em-Chefe do IRGC, Mohammad Ali Jafari, que afirmou que a missão da Força Quds é “extraterritorial, para auxiliar os movimentos islâmicos, expandir a Revolução Islâmica e reforçar a resistência das pessoas que sofrem em todo o mundo” (IISS, 2019, p. 17).

Estes grupos locais eram geralmente fracos em termos de finanças e infraestruturas e não controlavam instituições estatais. Construíam as suas capacidades à sombra de um Estado central, geralmente fraco. Esta periferia não era necessariamente geográfica, mas sim política, uma vez que os grupos aos quais o Irã se aliou tendiam a ser marginalizados dentro dos seus respectivos sistemas políticos. (Parsi, 2015, p. 234, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Muitos dos grupos apoiados pelo Irã no Iraque não são apenas unidades militarmente capazes, mas também organizações políticas que participam da política

---

<sup>27</sup> No original: These local groups were usually weak in terms of finances and infrastructure and not in control of state-like institutions. They would build their capacities in the shadow of a, usually weak, central state. This periphery was not necessarily geographical as much as political, since the groups Iran allied itself with tended to be marginalized within their respective political systems.

eleitoral e estão agora integradas nas instituições do aparelho estatal. Eles não são exclusivamente atores não estatais, nem estão totalmente sujeitos ao Estado. Sua natureza híbrida é tanto uma característica política quanto uma capacidade militar (Parsi, 2015, p. 237).

O Irã desenvolve suas forças *proxy* com o tempo, adotando uma missão de dissuasão conforme essas capacidades se fortalecem e se tornam existencialmente importantes, em duas camadas: a dissuasão retaliatória e a dissuasão passiva. A dissuasão retaliatória envolve a capacidade de infligir medo de baixas significativas, destruição de infraestrutura crítica ou disrupção econômica para dissuadir inimigos mais poderosos de tomar ações militares diretas contra o Irã ou seus interesses. *Proxies* também fornecem ao IRGC um grau de negação que auxilia a gerenciar a potencial escalada após ações retaliatórias (McInnis, 2016).

A segunda camada, dissuasão passiva, é mais latente e projetada para dissuadir o envolvimento estrangeiro em estados como Iraque, Síria e Líbano, que já estão na esfera de influência do Irã. O IRGC mobiliza grandes grupos paramilitares, como as Forças de Defesa Nacional (NDF) na Síria e as Forças de Mobilização Popular (PMF) no Iraque, para conduzir guerra não convencional e solidificar a influência iraniana em seus aparatos de segurança (McInnis, 2016). Com essa combinação de estratégias defensivas e ofensivas, suportadas por uma narrativa robusta e alianças estratégicas, o Irã conseguiu exercer influência na política regional, utilizando capacidades híbridas para fortalecer sua segurança e influência (Parsi, 2015, p. 238).

Essa evolução não foi fruto de um planejamento rígido ou de uma decisão única, mas sim o resultado de um processo orgânico, moldado pelas dificuldades e desafios do contexto geopolítico em que o Irã está inserido. Desde a sua confrontação inicial com o Iraque na década de 1980 até os conflitos mais recentes na Síria, o Irã adaptou suas estratégias em resposta às ameaças percebidas e às limitações de seus recursos convencionais. Ao invés de definir uma estratégia A2/AD desde o início, o Irã desenvolveu essa abordagem como uma resposta pragmática às necessidades emergentes, identificando os problemas e ajustando suas capacidades defensivas.

O uso de *proxies*, formando alianças estratégicas com grupos não estatais, ampliou significativamente a influência iraniana na região, permitindo uma projeção de poder indireta e eficaz. Esse processo adaptativo permitiu ao Irã não apenas sobreviver em um ambiente hostil, mas também projetar poder de maneira assertiva,

garantindo sua posição como um ator relevante no cenário geopolítico do Oriente Médio. Em última análise, essa abordagem permitiu ao Irã alcançar a profundidade estratégica almejada, solidificando sua dissuasão e relevância regional.

### 3.6 O USO DA INFORMAÇÃO E CONQUISTAS POLÍTICAS

Neste processo evolutivo, o aspecto informacional, incluindo operações de guerra psicológica e propaganda, desempenharam um importante papel na consolidação dessa estratégia. Além das capacidades militares, o Irã utilizou uma narrativa de resistência contra a presença ocidental, especialmente dos EUA, para justificar suas ações e obter apoio entre populações xiitas na região. A propaganda e as campanhas de mídia foram ferramentas-chave para moldar a percepção pública e obter apoio local e regional, destacando a defesa dos oprimidos e a luta contra tiranos.

A guerra de informação é um componente das estratégias de A2/AD utilizadas pelo Irã buscando moldar a percepção adversária e fortalecer sua posição estratégica, empregando campanhas de desinformação e propaganda para desestabilizar adversários, na tentativa de criar narrativas favoráveis à sua agenda política. Esses métodos podem incluir a manipulação de mídias sociais e a disseminação de narrativas antiocidentais para ganhar apoio popular e enfraquecer a moral oponente (Tangredi, 2013).

Além disso, a diplomacia iraniana visou fortalecer laços com estados e grupos regionais para consolidar sua posição estratégica, aonde o fortalecimento das relações com a Síria foi essencial, garantindo uma rota logística vital para o Hezbollah no Líbano, mantendo sua influência na região (Parsi, 2015, p. 238).

Esse apoio e a construção de relações com milícias xiitas no Iraque foram igualmente importantes, servindo como intermediárias para promover os interesses iranianos e contrabalancear a influência ocidental (Parsi, 2015, p. 238). Essas ações foram acompanhadas por uma estratégia de engajamento político e econômico, com o Irã investindo em infraestruturas e projetos de desenvolvimento em estados aliados, fortalecendo laços econômicos e políticos, criando uma rede de influências e alianças que aumentaram sua profundidade estratégica na região (Barzegar; Rezaei, 2017).

Ademais, o Irã explorou a narrativa de resistência para promover uma imagem de defensor dos oprimidos, especialmente entre as populações xiitas, ganhando apoio popular e justificando a presença militar em vários conflitos regionais. A combinação

de propaganda eficaz, apoio econômico e alianças estratégicas permitiu ao Irã consolidar sua posição como uma potência regional e aumentar sua capacidade de dissuasão (IISS, 2019).

A guerra de informação, juntamente com conquistas políticas, desempenha um papel crucial na estratégia iraniana de A2/AD. Ao integrar ações políticas e militares, o Irã foi capaz de fortalecer suas defesas e projetar sua influência na região, criando uma rede de apoio robusta que sustenta sua estratégia de defesa e dissuasão (Parsi, 2015, p. 236).

Desta forma, podemos concluir que o uso da informação e as conquistas políticas foram elementos essenciais na estratégia de A2/AD do Irã. A combinação de campanhas de propaganda, alianças estratégicas e investimentos econômicos permitiu ao Irã moldar a percepção pública e fortalecer sua posição estratégica na região. Essas ações complementam as capacidades militares do Irã, formando uma abordagem integrada que aumenta sua capacidade de dissuasão e influência regional.

### 3.7 A TRADUÇÃO DA ESTRATÉGIA A2/AD

As experiências Iranianas, desde a Revolução Islâmica até os conflitos regionais recentes, indicam a evolução de suas estratégias de defesa em resposta às ameaças percebidas. A adaptação a uma estratégia híbrida e a implementação da defesa em mosaico refletem a necessidade do Irã de compensar suas limitações tecnológicas e recursos militares convencionais, focando na criação de alianças regionais e no desenvolvimento de uma infraestrutura não convencional para compensar suas limitações tecnológicas e militares, combinando mobilização política e organização militar para criar profundidade estratégica e projetar poder (Tangredi, 2013).

A estratégia de defesa em profundidade, que inclui o uso de forças *proxy*, permite ao Irã criar uma defesa em camadas e projetar poder além de suas fronteiras. Essa profundidade estratégica é um componente crítico da dissuasão, aumentando os custos e a complexidade de qualquer ataque adversário e reforçando a resiliência iraniana em face de adversidades.

Adicionalmente, a defesa em mosaico, um conceito desenvolvido a partir das lições aprendidas durante a Guerra Irã-Iraque e a invasão americana ao Iraque, foi a precursora da estratégia A2/AD do Irã. Essa postura defensiva criou uma rede de defesas descentralizadas e assimétricas que dificultam a capacidade de qualquer invasor de obter uma vitória rápida e decisiva.

No aspecto tecnológico, o Irã investiu pesadamente em mísseis balísticos, guerra cibernética e sistemas de defesa aérea para sustentar sua estratégia A2/AD (Barzegar; Rezaei, 2017, p. 37). Esses investimentos permitiram ao Irã desenvolver capacidades assimétricas que aumentam os custos de qualquer ação militar contra o país (Parsi, 2015, p. 234).

Portanto, a trajetória histórica e estratégica do Irã revela um padrão claro de adaptação e inovação em resposta às ameaças percebidas. A estratégia A2/AD iraniana é uma manifestação dessa adaptação, combinando tecnologias avançadas e o uso de *proxies* para criar uma defesa em camadas que visa dissuadir qualquer agressor potencial, garantindo sua soberania e segurança, transformando suas limitações em pontos fortes estratégicos.

Concluindo, a estratégia A2/AD do Irã é uma resposta adaptativa às suas vulnerabilidades e ao ambiente geopolítico hostil, combinando os elementos da defesa em mosaico, uso de *proxies* e investimentos tecnológicos, o Irã criou uma abordagem própria para garantir sua segurança e influenciar a região. Essa postura vem se mostrando eficaz na sua capacidade de dissuadir adversários mais poderosos e proteger os interesses iranianos em um cenário global cada vez mais complexo.

## 4 - IRÃ: ESTRATÉGIAS PARA AS TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS

Neste capítulo, compararemos os conceitos teóricos e a aplicação da estratégia A2/AD, permitindo uma análise de como o Irã se adaptou às transformações pós-Guerra Fria, destacando a Guerra Híbrida como elemento central.

Ao explorar a evolução dos conceitos de poder, Guerra Híbrida e estratégia tendo o Mundo Híbrido como contexto, percebemos que o fio condutor das mudanças analisadas foi a interdependência, elemento catalisador dos efeitos que os vários domínios passaram a exercer uns nos outros, além da pressão exercida no próprio tecido social. Depois, focamos na evolução da postura defensiva iraniana e na sua estratégia A2/AD, retratando a adaptação estratégica do Irã mediante uma abordagem híbrida, destacando como o Estado iraniano utilizou as lições aprendidas em conflitos passados para moldar suas ações no contexto atual.

A análise indicou que o Irã se adaptou ao complexo contexto do Mundo Híbrido, provando que a compreensão da mudança do conceito de poder permitiu que ele vislumbrasse oportunidades e explorasse as assimetrias do seu entorno estratégico, utilizando as novas ferramentas híbridas para alcançar seus objetivos.

As vulnerabilidades inerentes à interdependência global trouxeram novos desafios, e nesse cenário, a Guerra Híbrida encontrou os elementos propícios para se desenvolver. Esse ambiente dinâmico e interconectado permitiu que o Irã explorasse novas ferramentas e métodos para alcançar seus objetivos.

### 4.1 O MUNDO HÍBRIDO E A ADAPTAÇÃO ESTRATÉGICA IRANIANA

O conceito de Mundo Híbrido, conforme abordado neste trabalho, refere-se a um ambiente no qual as fronteiras entre guerra e paz são cada vez mais indistintas. A interdependência global, ao diluir as barreiras tradicionais entre os Estados, aumentou significativamente a vulnerabilidade e a exposição a ameaças híbridas. Esse fenômeno trouxe consigo uma série de novas oportunidades e ameaças, englobando tanto atores estatais quanto não estatais, elementos convencionais, não convencionais, cibernéticos, informacionais e culturais. A complexidade desse contexto exige uma adaptação estratégica contínua para enfrentar os desafios impostos por essa nova dinâmica global.

As lições dos conflitos abordados neste trabalho foram utilizadas pelo Irã para operar nesse contexto, desenvolvendo o Corpo de Guardas Revolucionárias Islâmicas (IRGC) e, especificamente, a Força Quds, se destacando por sua capacidade de planejar e executar operações de Guerra Híbrida, expandindo a influência iraniana na região. A IRGC e a Força Quds integram os níveis de condução do conflito, desde a estratégia até a tática, permitindo uma adaptação rápida e eficaz às mudanças no ambiente global e regional. Essas unidades são essenciais para explorar as peculiaridades do ambiente híbrido, utilizando métodos não convencionais e capacidades assimétricas para alcançar os objetivos estratégicos do Irã, atuando de forma indireta e encoberta, abaixo do limiar da guerra.

A capacidade de integrar essas táticas permitiu ao Irã adaptar continuamente suas estratégias para se adequar ao novo ambiente, evidenciando uma transição de uma defesa puramente territorial para uma defesa em mosaico. Esta abordagem moderna dispersa e integra múltiplas camadas de defesa para criar uma rede de resistência, permitindo ao Irã dissuadir e complicar intervenções adversárias. A agilidade proporcionada por essa estrutura possibilitou a adaptação estratégica necessária para responder às constantes mudanças regionais, garantindo a eficiência na implementação de suas políticas e estratégias de defesa.

Mormente, o Irã reconheceu a importância de explorar as assimetrias no campo de batalha, utilizando *proxies*, como o Hezbollah, as milícias xiitas no Iraque e na Síria e os Houthis no Iêmen. Estas alianças exemplificam como o Irã aproveitou essas assimetrias para projetar poder e influência regional sem se envolver diretamente em conflitos convencionais de grande escala.

A Guerra Híbrida exige flexibilidade e adaptabilidade constantes para responder às rápidas mudanças no ambiente operacional, tornando-se uma ferramenta poderosa para alcançar objetivos estratégicos sem recorrer a confrontos diretos. Essa abordagem permitiu ao Irã manter a vantagem sobre adversários menos ágeis e adaptáveis, demonstrando como a adaptação estratégica foi um processo contínuo, motivado pelas várias ameaças e oportunidades do “Mundo Híbrido”, tendo como força motriz dessa adequação a IRGC e sua “ponta de lança”<sup>28</sup>, a Força Quds.

---

<sup>28</sup> O termo “ponta de lança” é utilizado metaforicamente para descrever a parte de uma força militar que desempenha um papel crucial em uma operação. A expressão origina-se da imagem de uma lança, onde a ponta é a primeira a entrar em contato com o alvo, representando a vanguarda ou o componente mais avançado e agressivo de uma operação. Refere-se frequentemente às unidades de elite designadas para missões críticas.

Essa capacidade de adaptação estratégica é uma característica central da postura iraniana. Ao compreender as dinâmicas da interdependência global e explorar as oportunidades e vulnerabilidades advindos desse fenômeno, o Irã conseguiu moldar uma estratégia eficaz que lhe permite alcançar seus objetivos de segurança e influência regional, refletindo uma compreensão das mudanças no cenário global e uma capacidade notável de adaptação.

Para entender como essa adaptação estratégica se manifestou na prática, compararemos no próximo tópico, a evolução do conceito de poder e as medidas adotadas, destacando como o Irã aproveitou os novos instrumentos híbridos para alcançar seus objetivos em um complexo ambiente regional.

#### 4.2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PODER: A RESPOSTA IRANIANA

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial até a era da globalização, o poder evoluiu de uma visão coercitiva centrada na força bruta para uma compreensão mais sofisticada que inclui a capacidade de atração e persuasão. Esta mudança é crucial para entender os instrumentos de poder na Guerra Híbrida, onde a combinação de *hard power* e *soft power* torna-se essencial para a eficácia das estratégias contemporâneas. O Irã adaptou-se a essa evolução do conceito de poder, pois, ao invés de tentar igualar as capacidades militares convencionais dos seus adversários, o Irã optou por explorar assimetrias e desenvolver capacidades que lhe permitissem maximizar seu impacto estratégico de forma eficiente e eficaz.

O “Mundo Híbrido” proporcionou ao Irã uma série de novas ferramentas e oportunidades para exercer poder, destacando-se o uso de *proxies*, sendo talvez, a manifestação mais significativa da abordagem híbrida do Irã, conseguindo projetar poder e influência regional sem se envolver diretamente em conflitos, atuando como extensões do poder iraniano, permitindo ao país manter um grau de negação enquanto exerce pressão sobre seus adversários e protege seus interesses estratégicos.

O Corpo de Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) e sua unidade de operações externas, a Força Quds, constituem os principais instrumentos do Estado iraniano para explorar as particularidades do ambiente de guerra híbrida, de acordo com a figura 3. Essas organizações são encarregadas de planejar e executar operações assimétricas, bem como de coordenar e apoiar grupos aliados na região,

exemplificando a capacidade do Irã de integrar diversos domínios de combate em uma postura estratégica. A Força Quds, em particular, desempenha um papel central na promoção dos objetivos estratégicos iranianos sem recorrer a confrontos diretos, ampliando o alcance da chamada “defesa em profundidade” e fortalecendo suas fronteiras externas. Dessa forma, a Força Quds se posiciona como um importante elemento na implementação de uma estratégia A2/AD (Anti-Access/Area Denial), facilitando a integração de métodos convencionais e híbridos e assegurando a profundidade estratégica e a dissuasão regional almejadas pelo Irã.

A Força Quds, em particular, tem a capacidade de expandir sua influência na região, administrando, treinando e planejando o emprego de *proxies* não apenas por um mero alinhamento de interesses, mas através de laços culturais que transcendem a política. O esforço de se alinhar a um *proxy* passa por essa análise, superando a mera diplomacia e expandindo os vínculos religiosos e culturais. Durante a invasão americana ao Iraque em 2003, o Irã destacou essa característica ao identificar uma comunidade xiita sob ameaça existencial, o que foi determinante para escolher os atores que trabalhariam ao seu lado em solo iraquiano (IISS, 2019, p. 19). Isso demonstra como o Irã consegue explorar todo o espectro de capacidades que a Guerra Híbrida apresenta, integrando de maneira única o domínio cultural, de acordo com a figura 7, e capitalizando em influência na região.

Além das operações militares, esses grupos auxiliam em conquistas diplomáticas e vitórias informacionais, de acordo com o observado na figura 6, fortalecendo a posição do Irã em negociações internacionais e ampliando sua capacidade de influenciar a opinião pública. Sua utilização exemplifica como o Irã conseguiu unir a exploração das vulnerabilidades impostas pela interdependência global, a exploração das assimetrias nas relações e o papel da informação como moeda de poder em uma estratégia de sucesso.

A próxima seção analisará como essa compreensão e utilização das ferramentas híbridas pelo Irã se manifestou na prática através da exploração das assimetrias e da inovação na abordagem híbrida, destacando a implementação da estratégia A2/AD no contexto regional.

### 4.3 GUERRA HÍBRIDA E A ESTRATÉGIA A2/AD DO IRÃ

A Guerra Híbrida emergiu como a face atual dos conflitos modernos, alavancada pela interdependência global, se aproveitando de uma nova gama de ferramentas que geram efeitos significativos nos adversários. O Irã, compreendendo esse contexto, empregou esses instrumentos híbridos para alcançar seus objetivos.

A estratégia A2/AD do Irã é a evolução da defesa em mosaico, dispersando suas capacidades defensivas em múltiplas camadas, aumentando a resiliência e a capacidade de resposta do Irã contra intervenções externas, ao prover profundidade estratégica, dificultando as tentativas de intervenção adversária e aumentando os custos e riscos para seus inimigos.

Essa estratégia aproveita as ferramentas híbridas para estender suas capacidades defensivas e ofensivas além de suas fronteiras imediatas, integrando diferentes domínios de guerra, como o cibernético, o informacional e o cultural, amplifica a eficácia dessa estratégia. Todas essas características envolvidas na Estratégia A2/AD, como a exploração de assimetrias, a utilização de recursos convencionais e não convencionais, e a integração de múltiplos domínios de guerra, são, na verdade, as particularidades da Guerra Híbrida, exemplificando sua aplicação prática, onde a exploração das vulnerabilidades inerentes à interdependência global, se traduzem em uma abordagem robusta e adaptativa para alcançar objetivos.

Em resumo, a Guerra Híbrida e a interdependência global permitiram ao Irã implementar da estratégia A2/AD explorando assimetrias e integrando novas ferramentas híbridas, moldando uma postura estratégica que maximiza seu impacto e minimiza os riscos.

Ao explorar assimetrias e novas ferramentas híbridas, moldou uma postura estratégica contundente que maximiza o impacto enquanto minimiza os riscos. No próximo tópico, aprofundaremos a compreensão da estratégia A2/AD do Irã não apenas como uma evolução da defesa em mosaico, mas como uma postura estratégica abrangente que reflete um conceito estratégico maior.

### 4.4 A ESTRATÉGIA A2/AD COMO POSTURA ESTRATÉGICA

A estratégia A2/AD do Irã faz parte de um conceito estratégico que se traduz em uma postura prática adaptada às mudanças globais e às novas dinâmicas de

poder, com o objetivo de garantir sua segurança nacional e exercer influência regional. Sua eficácia está diretamente ligada às características da Guerra Híbrida, refletindo os desafios contemporâneos acerca da difícil distinção entre estados de guerra e paz e o entrelaçamento dos domínios físico, digital e psicológico, permitindo ao Estado utilizar múltiplos domínios, além do militar tradicional, para alcançar objetivos que usualmente não seriam abordados por aquelas capacidades.

Ao entender Estratégia como uma equação ao balancear recursos e aplicar esses meios, através de um método em busca de um fim bem estabelecido, o modelo anti-acesso e negação de área é o método que visa alcançar profundidade estratégica e garantir a dissuasão regional para sua segurança. Os meios ou recursos foram significativamente ampliados pela gama de instrumentos que a Guerra Híbrida permite, combinando métodos convencionais e híbridos, amplificando a eficácia dessa postura. Ao alcançar essa profundidade estratégica, o Irã consegue projetar poder e influência, de acordo com a figura 2, tornando-a uma ferramenta relevante na sua estratégia de defesa e segurança.

A estratégia A2/AD do Irã reflete uma adaptação pragmática às condições geopolíticas do Oriente Médio, assim como às suas próprias limitações em termos de capacidades militares convencionais. Combinando defesa em mosaico, o uso estratégico de *proxies* regionais e a integração de tecnologias assimétricas, o Irã conseguiu criar um modelo de dissuasão flexível que dificulta a atuação de adversários e fortalece sua posição no cenário regional. Essa abordagem não se limita a deter ataques diretos, mas também visa projetar influência e moldar o ambiente estratégico de modo a proteger seus interesses em longo prazo.

Ao consolidar essas diversas camadas de defesa e influência em um único modelo estratégico, o Irã não apenas assegura sua defesa territorial, mas também utiliza a A2/AD como uma ferramenta de projeção de poder, ampliando sua capacidade de exercer pressão sobre potências regionais e globais. A postura estratégica construída ao redor da A2/AD permitiu ao Irã estabelecer uma presença que transcende as fronteiras físicas, estendendo-se ao domínio político, informacional e cultural. Assim, a estratégia A2/AD iraniana representa uma evolução da tradicional defesa territorial para uma forma de dissuasão, que explora as assimetrias regionais e minimiza o risco de confronto direto, assegurando tanto a estabilidade interna quanto a expansão de sua influência regional.

#### 4.5 REFLEXÕES E CONCLUSÕES

Esta análise destacou como o Irã, ao longo das décadas, adaptou suas estratégias em resposta às transformações globais, utilizando a Guerra Híbrida como elemento central para garantir sua segurança nacional e exercer influência regional. A adaptação estratégica do Irã é exemplificada pela implementação da vertente A2/AD, que se consolidou como uma postura estratégica eficaz na região.

Neste diapasão, a interdependência global não apenas ampliou o alcance das ações estratégicas do Irã, mas também intensificou seus efeitos. A Guerra Híbrida permitiu ao Irã moldar narrativas e percepções tanto domésticas quanto internacionais, influenciando decisões políticas e a opinião pública global. A utilização de proxies ampliou a presença iraniana na região, fornecendo um grau de negação plausível e dificultando a resposta de seus adversários, exemplificando como a exploração de assimetrias e a integração de ferramentas híbridas podem ser implementadas de maneira eficaz em um contexto regional.

A estratégia A2/AD do Irã, ao ser analisada sob a perspectiva dos recursos, métodos e fins, revela-se como uma componente do método a ser empregado, enquanto os meios foram significativamente ampliados pela gama de instrumentos que a Guerra Híbrida permite, alcançando assim a finalidade: obter profundidade estratégica e garantir a dissuasão regional.

A adaptação estratégica do Irã é um exemplo de como Guerra Híbrida pode ser aplicada de maneira eficaz, através da combinação de métodos convencionais e híbridos, amplificando a eficácia dessa postura. A capacidade do Irã de integrar novas ferramentas em sua postura A2/AD permitiu-lhe maximizar seu impacto estratégico, garantir sua segurança e exercer influência regional em um ambiente complexo.

Em suma, a estratégia A2/AD do Irã demonstra uma adaptação contínua às ameaças e oportunidades do mundo híbrido. Esta estratégia não apenas reflete a capacidade do Irã de se adaptar às mudanças nas dinâmicas de poder globais, mas também exemplifica como a guerra híbrida e a interdependência global podem ser aproveitadas para alcançar objetivos estratégicos. A abordagem iraniana serve como um estudo de caso para entender a aplicação prática de teorias estratégicas em contextos geopolíticos desafiadores, oferecendo importantes lições para o desenvolvimento de estratégias eficazes em outros cenários.

## 5 - CONCLUSÃO

Esta dissertação explorou a adaptação estratégica do Irã no contexto da Guerra Híbrida, analisando como o Irã, através da implementação da estratégia A2/AD (anti-acesso/negação de área), conseguiu garantir sua segurança nacional e exercer influência regional.

O propósito da pesquisa foi analisar como o Irã adaptou suas estratégias militares e defensivas no contexto da Guerra Híbrida para obter profundidade estratégica e garantir a dissuasão regional. O estudo visou compreender como a estratégia A2/AD consegue exercer influência e garantir a segurança nacional.

A seguinte questão de pesquisa foi elaborada para alcançar o propósito: como o Irã tem adaptado sua estratégia A2/AD no contexto da Guerra Híbrida para garantir profundidade estratégica e dissuasão regional, e quais são as implicações dessa estratégia para a segurança regional e global?

No segundo capítulo, foram discutidos os conceitos fundamentais para o arcabouço teórico deste trabalho. A interdependência global foi destacada como um catalisador que intensificou os efeitos das ações, permitindo que Estados explorassem assimetrias nas relações globais para alcançar seus objetivos, de onde, a partir dessas vulnerabilidades e oportunidades criadas, concluímos que a Guerra Híbrida se apresenta como a releitura contemporânea dos Conflitos Armados. Ademais, a teoria sobre estratégia foi abordada como uma estrutura para entender como os recursos, métodos e fins são balanceados para atingir os objetivos.

O terceiro capítulo focou na evolução da postura defensiva do Irã e na implementação da estratégia A2/AD, analisando como suas experiências em conflitos passados moldaram suas estratégias atuais, apresentando-a como uma resposta adaptativa às suas vulnerabilidades e ao ambiente geopolítico hostil. A utilização de proxies, investimentos em tecnologias avançadas e a exploração de assimetrias foram identificados como componentes chave dessa estratégia.

No capítulo 4, foi feita uma comparação entre a base teórica e a aplicação da estratégia A2/AD pelo Irã. A análise revelou que a adaptação estratégica do Irã é um exemplo de como os conceitos de Guerra Híbrida podem ser aplicados de maneira prática e eficaz, maximizando seu impacto estratégico e permitindo ao Estado iraniano enfrentar seus desafios contemporâneos.

A utilização de *proxies* foi um componente importante da estratégia iraniana, permitindo ao Irã projetar poder e influência regional sem se envolver diretamente em conflitos convencionais de grande escala. Esse aproveitamento não foi fruto de conhecimento prévio ou da existência de um conceito estabelecido de Guerra Híbrida, mas sim da compreensão das ferramentas que se apresentavam e sua capacidade de produzir efeitos adversos em seus oponentes. A criação do Corpo de Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) e da Força *Quds* acompanhou esse processo e, na verdade, foi o que permitiu essa rápida adaptação e assimilação das lições.

A Natureza irregular da IRGC, desde sua criação, garantiu agilidade e a exploração das características e dos instrumentos da Guerra Híbrida. A Força *Quds* foi além, integrando não somente as capacidades entendidas como de Força Irregular, mas também conciliando aspectos culturais para se aliar e exercer influência na região. Essa estrutura permitiu ao país ajustar seus métodos de maneira contínua e eficaz, utilizando a estratégia A2/AD como uma postura estratégica, destacando a necessidade de um fio condutor que balize toda a Estratégia de Defesa de um País, unificando esforços e garantindo a continuidade do conceito estratégico a ser seguido.

A Força *Quds* emerge como o verdadeiro centro de gravidade<sup>29</sup> da estratégia iraniana, especialmente no contexto da Guerra Híbrida e da estratégia A2/AD. Atuando como a principal estrutura responsável pela execução das operações e pela coordenação dos *proxies*, a Força *Quds* não apenas aplica métodos irregulares, mas também integra uma abordagem em vários domínios, abrangendo aspectos culturais, informacionais e políticos. Essa capacidade de engajamento e mobilização demonstra como esta Força utiliza os princípios da Guerra Híbrida para criar um impacto estratégico através da exploração das assimetrias regionais.

A abordagem do Irã reflete os desafios contemporâneos acerca da difícil distinção entre estados de guerra e paz e o entrelaçamento dos domínios físico, digital e psicológico. Compreender sua estratégia A2/AD pode fornecer lições valiosas sobre como Estados com menor protagonismo no cenário internacional podem utilizar meios assimétricos para compensar disparidades em poder militar convencional. No contexto das ações advindas dessas ameaças híbridas, a adaptação à nova forma de

---

<sup>29</sup> O conceito “centro de gravidade” foi cunhado por Carl von Clausewitz em sua obra “Da Guerra” para descrever a fonte principal de força ou poder de uma entidade, podendo determinar o resultado de um conflito. No contexto militar moderno, pode referir-se a qualquer componente crítico que forneça capacidade operacional ou de combate, como infraestrutura logística, liderança, ou força moral.

conflito é crucial para que um país esteja preparado para enfrentar ameaças que transcendam o confronto militar tradicional.

Faz-se mister a compreensão do mundo, a percepção de ameaças e o seu papel na região, deixando o alerta para Estado que não detêm capacidades militares, econômicas ou políticas para se contrapor a atores globais mais relevantes. A adaptação à nova forma de conflito, além de destacar a importância de se investir em tecnologia e desenvolvimento de capacidades próprias, mostra que a cooperação com parceiros estratégicos é essencial para equilibrar relações e defender interesses no cenário internacional.

A análise realizada nesta dissertação abre caminhos para novas pesquisas sobre a adaptação estratégica de Estados com menor protagonismo internacional. Estudos futuros podem investigar como a colaboração entre as Forças Armadas, adotando uma postura conjunta, pode ser otimizada para enfrentar essas ameaças e contribuir com a segurança regional é um campo promissor para pesquisas adicionais.

Diferente de grandes potências militares, as Forças Armadas brasileiras, em especial a Marinha do Brasil, está intrinsecamente ligada a aspectos voltados às questões subsidiárias do emprego do Poder Militar, que não necessariamente tratam somente sobre Defesa, atuando, de forma cada vez mais recorrente, longe do espectro militar tradicional. Esse contato com todos os domínios do Estado amplia a superfície de contato e o tempo de exposição da Força a essas ameaças, alertando para a necessidade de identificá-las de forma a diminuir nossas vulnerabilidades.

É imperativo o desenvolvimento de estratégias voltadas para a criação de uma defesa em profundidade, que contemple posturas conjuntas no combate e um posicionamento claro em relação à Guerra Híbrida. Além disso, a exploração de alianças regionais e o estabelecimento de estruturas nos escalões mais elevados da Defesa, dedicadas ao estudo e planejamento contínuo desse tema, são fundamentais. Ressalta-se, ainda, a necessidade de uma estratégia abrangente, que integre as diversas vertentes do poder nacional, com enfoque no emprego conjunto das Forças Armadas, designando o papel e atuação de cada uma, garantindo uma abordagem coesa e eficaz frente aos desafios contemporâneos

Em suma, as conclusões obtidas neste trabalho indicam para a Marinha do Brasil a importância da flexibilidade, da inovação e da compreensão do contexto regional no qual estamos inseridos, destacando a necessidade de uma abordagem

que enderece todos os domínios da atual realidade da Guerra Híbrida, enxergando as ameaças em um mundo cada vez mais interconectado e dinâmico.

## REFERÊNCIAS

ABRAHAMIAN, E. **Iran Between Two Revolutions**. Princeton University Press, 1982. 9780691101347.

AHLUWALIA, V. Hybrid Warfare: **Battlegrounds of the Future**. CLAWS Journal, 12, n. 2, p. 15–34, 2019.

ANDERSON, Lisa. **Demystifying the Arab Spring**. Foreign Affairs, [s. l.], v. 90, n. 3, 2011. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/libya/2011-04-03/demystifying-arab-spring>. Acesso em: 3 ago. 2024.

BARGUÉS-PEDRENY, P.; BOUREKBA, M. **War by all means: the rise of hybrid warfare**. *In*, 2022.

BARZEGAR, K.; REZAEI, M. **Ayatollah Khameni's Strategic thinking**: Discourse Quarterly, Vol 11, No 3, Winter 2017(1). 10/18 2017.

BAYLIS, J.; SMITH, S.; OWENS, P. **The Globalization of World Politics: An Introduction to International Relations**. Oxford University Press, 2019–12 2019. ISBN 9780191864612.

CALISKAN, M. **Hybrid Warfare through the Lens of Strategic Theory**. Defense and Security Analysis, 35, p. 40–58, 02/13 2019.

CORDESMAN, A. H. The Strategic Threat from Iranian Hybrid Warfare in the Gulf. **Center for Strategic and International Studies**, 2019.

CULLEN, P. J.; REICHBORN-KJENNERUD, E. Understanding hybrid warfare. **MCDC Countering Hybrid Warfare Project**, 1, 2017.

DAHL, R. A. The concept of power. **Behavioral Science**, 2, n. 3, p. 201–215, 1957.

EISENSTADT, M. Iran's Gray Zone Strategy-Cornerstone of its Asymmetric Way of War. **PRISM**, 9, n. 2, 2021.

FUKUYAMA, F. **The End of History and the Last Man**. New York: Free Press 1992. 446 p. ISBN 0-02-910975- 2.

GERASIMOV, V. **The Influence of the Contemporary Nature of Armed Struggle on the Focus of the Construction and Development of the Armed Forces of the Russian Federation**. Priority Tasks of Military Science in Safeguarding the Country's Defense. **Vestnik Akademiy Voennyh Nauk (Journal of the Academy of Military Science)**, n. 2, 2018.

GRAY, C. S.; GRAY, P. E. S. S. C. S. **Modern Strategy**. Oxford University Press, 1999. ISBN 9780198280309.

Held, D., & McGrew, A. **The great globalization debate: An introduction**. In D. Held and A. McGrew (Eds.), *The global transformations reader* (2 ed.). London: Polity. 2003.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914–1991**. Companhia das Letras, 1995. ISBN 9788571644687.

HOFFMAN, F. G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Potomac Institute for Policy Studies, 2007.

KENNAN, G. F. **The Inauguration of Organized Political Warfare**. Policy Planning Staff Memorandum. COUNCIL, N. S. : US Department of State 1948.

KEOHANE, R. O.; NYE JR, J. S. **Power and interdependence**. 4th ed. Routledge, 2011. 368 p. ISBN 0205082912.

LYKKE, Arthur F. Jr. **Defining Military Strategy**. *Military Review*, v. 77, n. 1, p. 183-186, jan./fev. 1997. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/75th-Anniversary/75th-PDF/75th-Lykke.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MANSFIELD, Peter. **A History of the Middle East**. 4. Ed. Londres: Penguin Books, 2013.

MCINNIS, J. M. **Iranian Deterrence Strategy and Use of Proxies**. American Enterprise Institute, 2016.

NYE, J. S. **The changing nature of world power**. *Political Science Quarterly*, 105, p. 61–75, 1990.

NYE, J. S., Jr. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. PublicAffairs Books, Apr 5, 2005.

NYE, J. W., D.A. **Understanding Global Conflict and Cooperation: An Introduction to Theory and History**. 10th ed. Pearson, 2017. ISBN 9780137477609

O'DRISCOLL, C. **Victory: The Triumph and Tragedy of Just War**. Oxford University Press, 21 Nov 2019. ISBN 9780198832911.

ORENSTEIN, V. General Valery Gerasimov's Russian Chief Staff 2018's Presentation to the General Staff Academy. **Toughts on Future Military Conflict**. Mar, 2018. *Military Review Online Exclusive*, 9 p., jan. 2019.

OSTOVAR, A. **The Grand Strategy of Militant Clients: Iran's Way of War**. *Security Studies*, 28, p. 1-30, 10/17 2018.

PARSI, R. Iran's hybrid warfare capabilities. *In*: WEISSMANN, M. N., Niklas; PALMERTZ, Björn; THUNHOLM, Per (Ed.). **Hybrid Warfare: Security and**

**Asymmetric Conflict in International Relations.** London: I.B. Tauris, 2021. v. 1, cap. 15, p. 314.

**PATRIOTA, M. A Terceira Guerra Mundial já começou — e nós nem percebemos. Escola de Guerra Naval,** p. 20, 2022.

QURESHI, W. A.. **The Rise of Hybrid Warfare.** Notre Dame Journal of International & Comparative Law, vol. 10, nº 2, 2020. Disponível em: <https://scholarship.law.nd.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1124&context=ndjicl>. Acesso em: 20 jun. 2024.

**STUDIES, T. I. I. S. Iran's Networks of Influence in the Middle East.** Taylor & Francis, 2020. ISBN 9781000163049.

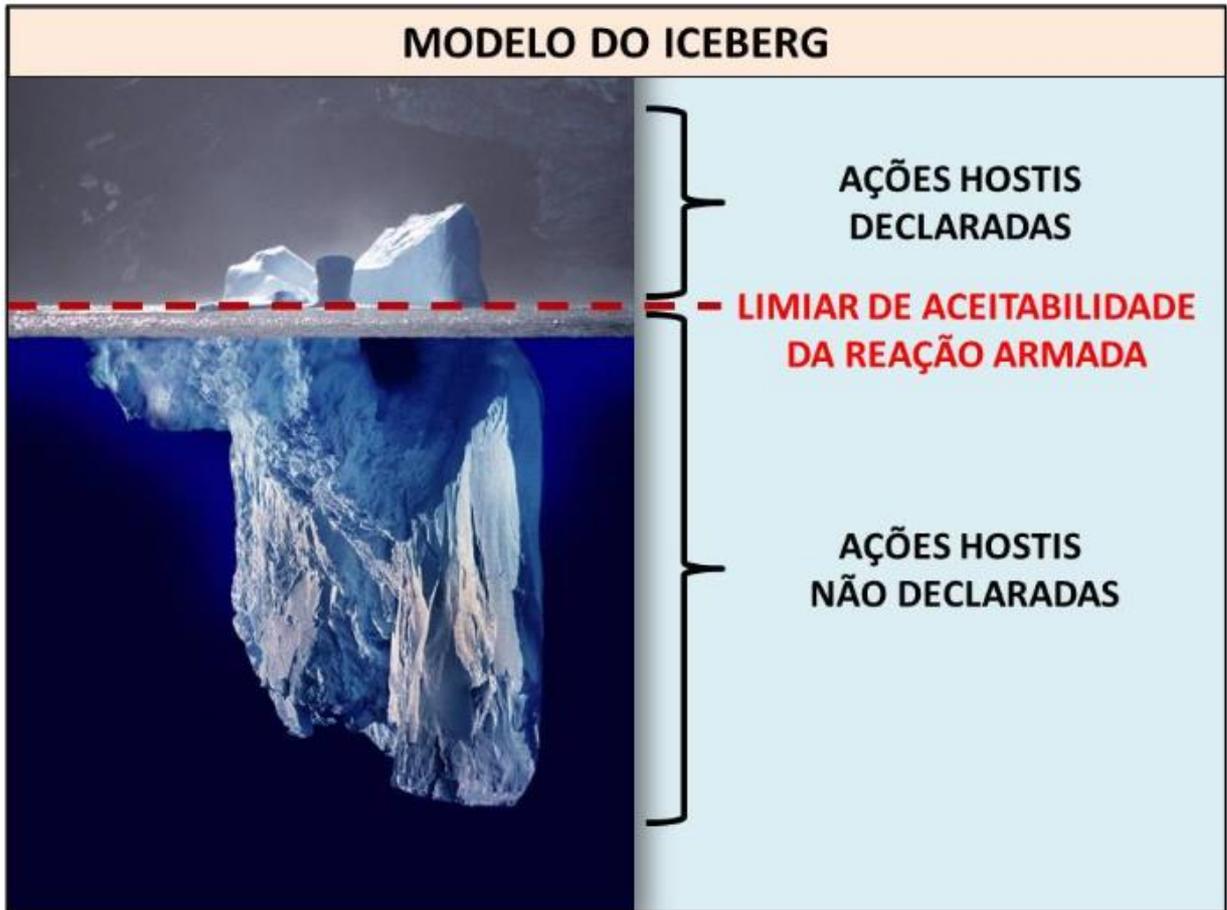
**TANGREDI, S. J. Anti-Access Warfare: Countering A2/AD Strategies.** Naval Institute Press, 2013. ISBN 9781612511870.

VON CLAUSEWITZ, C.; HOWARD, M.; PARET, P.; BRODIE, B. **On War.** Princeton University Press, 1984. ISBN 9780691018546.

**YOUSSEF, S. Iran in Syria: From an Ally of the Regime to an Occupying Force.** 2 ed. Naame Shaam, 2016.

## ANEXO — FIGURAS

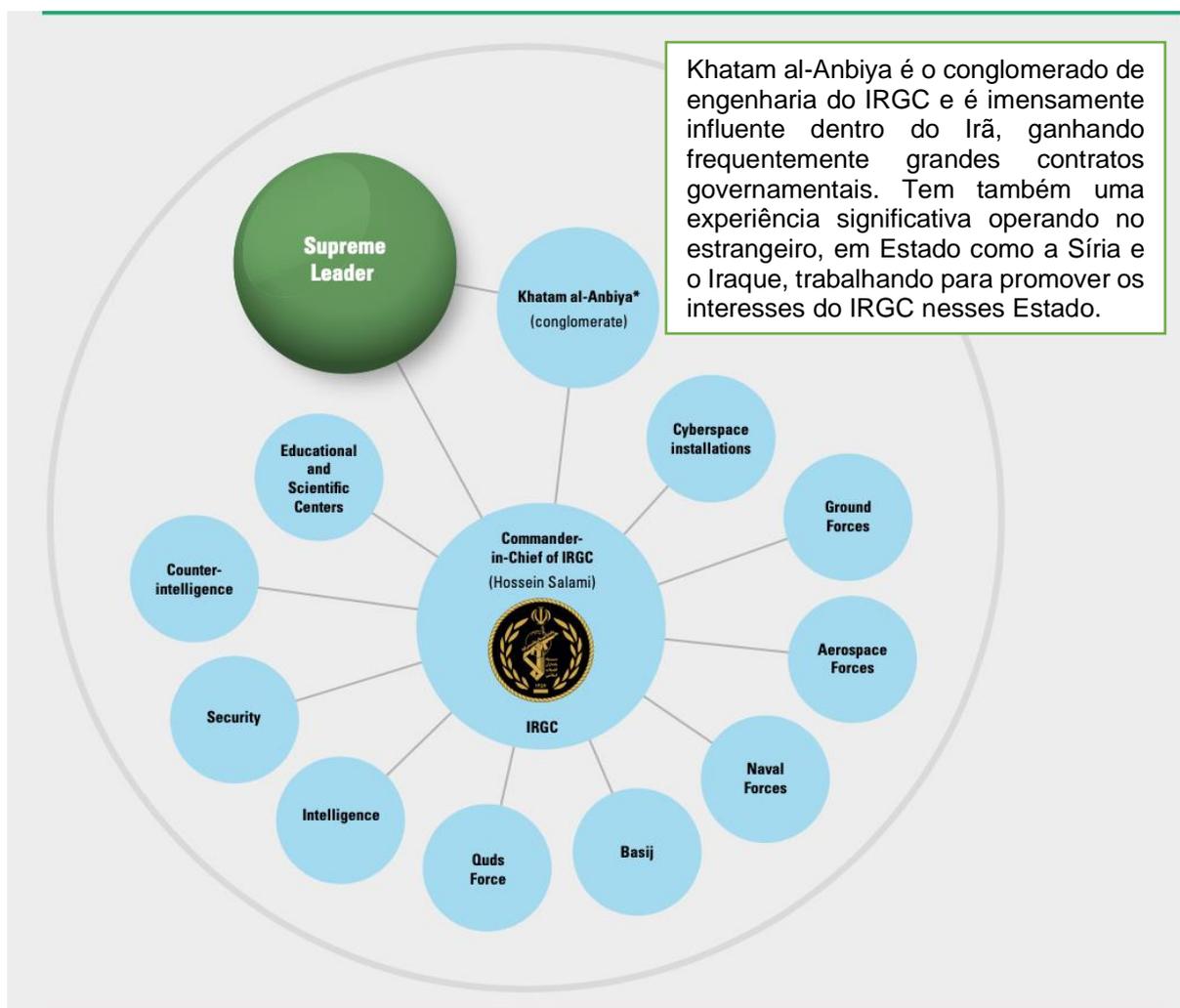
Figura 1 – Modelo do Iceberg



Fonte: PATRIOTA, M. P. A Terceira Guerra Mundial já começou — e nós nem percebemos. **Escola de Guerra Naval**, p. 20, 2022.



Figura 3 – Estrutura do Corpo de Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC — Sigla em inglês)

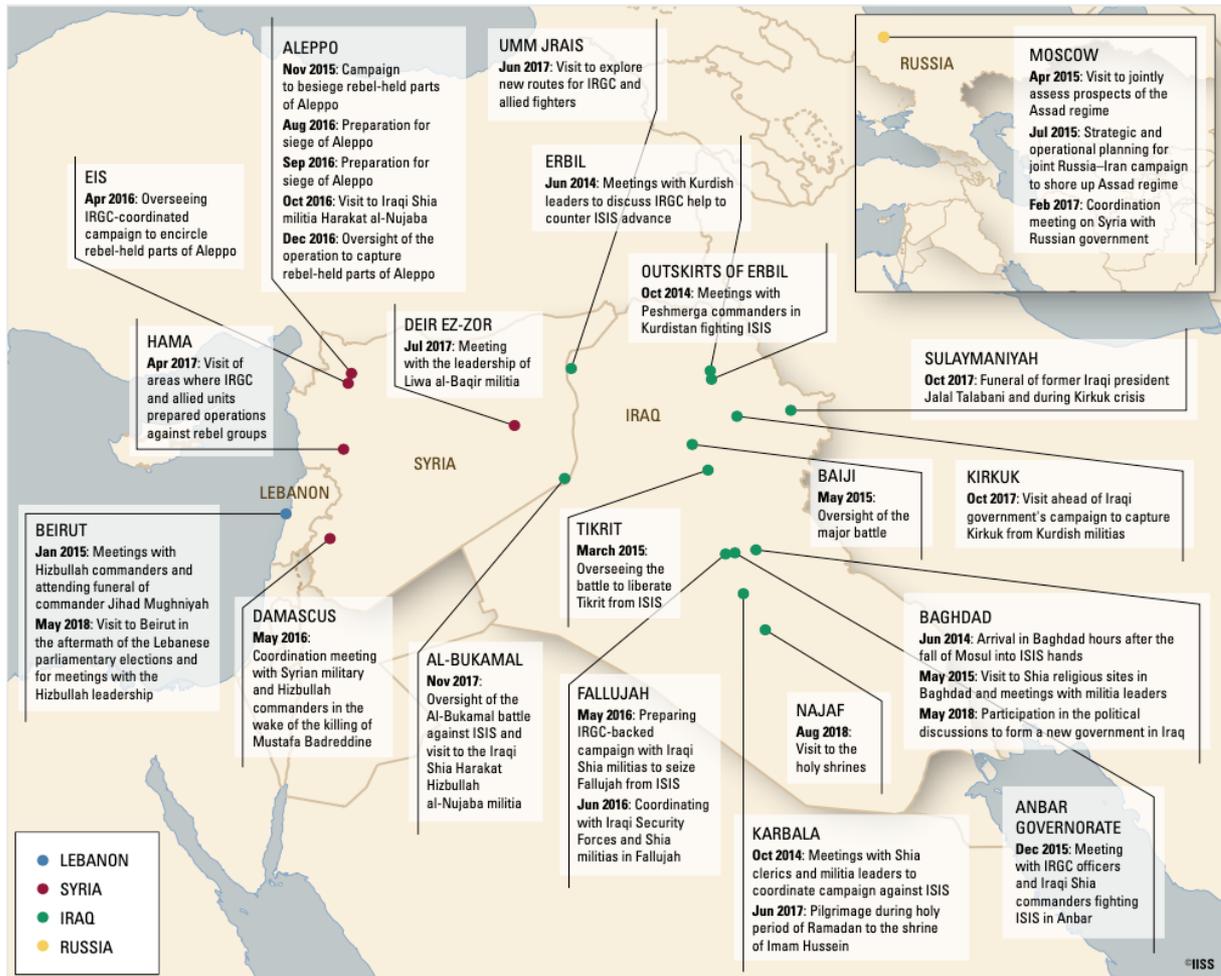


Fonte: The International Institute for Strategic Studies — Iran's Networks of Influence in the Middle East. p. 17, 2020.

Nota: O IRGC, através de uma adaptação orgânica ao longo dos anos, incorporou capacidades que permitem operar em todos os domínios da Guerra Híbrida.

O IRGC exemplifica uma força híbrida por natureza, integrando efetivamente instrumentos de poder militar, econômico, cibernético e informacional. A Força Quds, por exemplo, é fundamental na condução de operações de informação e apoio a *proxies* no exterior, demonstrando a flexibilidade e a adaptabilidade do IRGC em responder a diferentes ameaças e oportunidades. As Forças Aeroespaciais e as Instalações Cibernéticas evidenciam a capacidade do IRGC de projetar poder e realizar operações sofisticadas além das fronteiras iranianas, incluindo o desenvolvimento e lançamento de mísseis balísticos e a condução de ataques cibernéticos. Essa estrutura híbrida permite ao IRGC atuar de maneira eficaz em cenários de guerra assimétrica, combinando esforços de forças convencionais e não convencionais, além de utilizar o *soft power* e a diplomacia cultural. O conglomerado *Khatam al-Anbiya*, com sua influência econômica e capacidade de engenharia, contribui para a resiliência e sustentação das operações do IRGC, tanto em tempos de paz quanto de conflito.

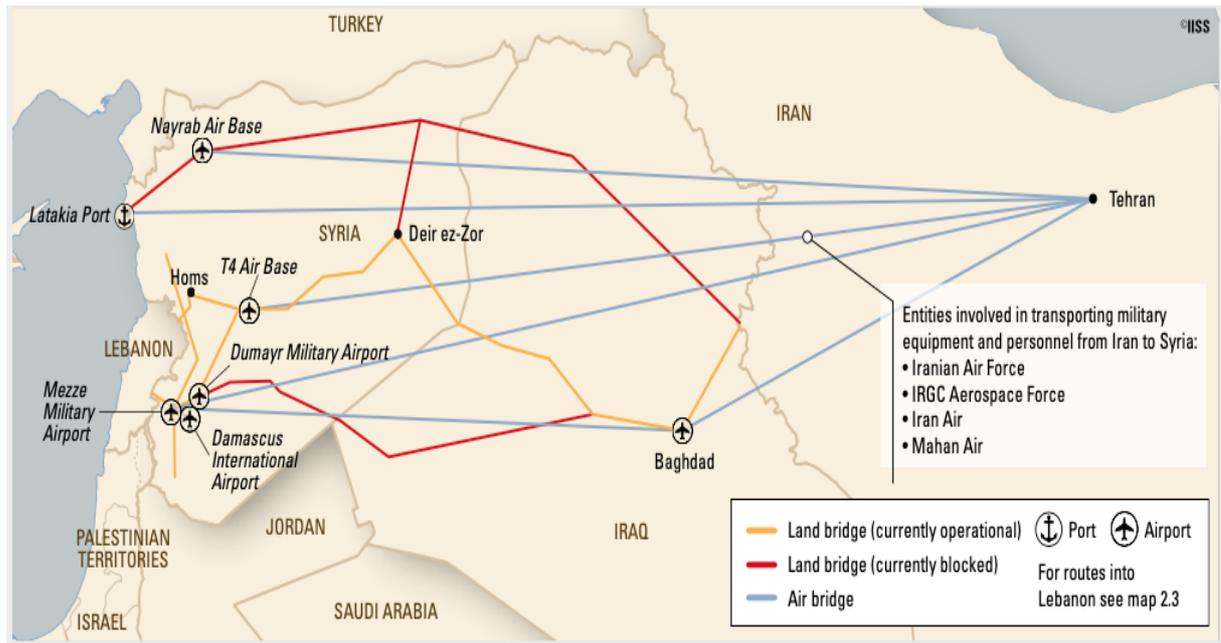
Figura 4 - Major-General da Força Quds do IRGC Qasem Soleimani: presença relatada no Iraque, Líbano, Síria e Rússia, 2012 – 2018.



Fonte: The International Institute for Strategic Studies — Iran's Networks of Influence in the Middle East. p. 20, 2020.

Nota: O mapa mostra como o Irã, através da Força Quds e do IRGC, expandiu sua influência e fortaleceu seu controle regional por meio de uma estratégia híbrida. A capacidade de Soleimani de orquestrar operações complexas em múltiplos teatros de guerra, combinando poder militar direto, apoio a proxies e engajamento diplomático, sublinha a eficácia da estratégia A2/AD iraniana. Essa abordagem não só fortaleceu a posição do Irã na Síria e no Iraque, mas também redefiniu o equilíbrio de poder no Oriente Médio.

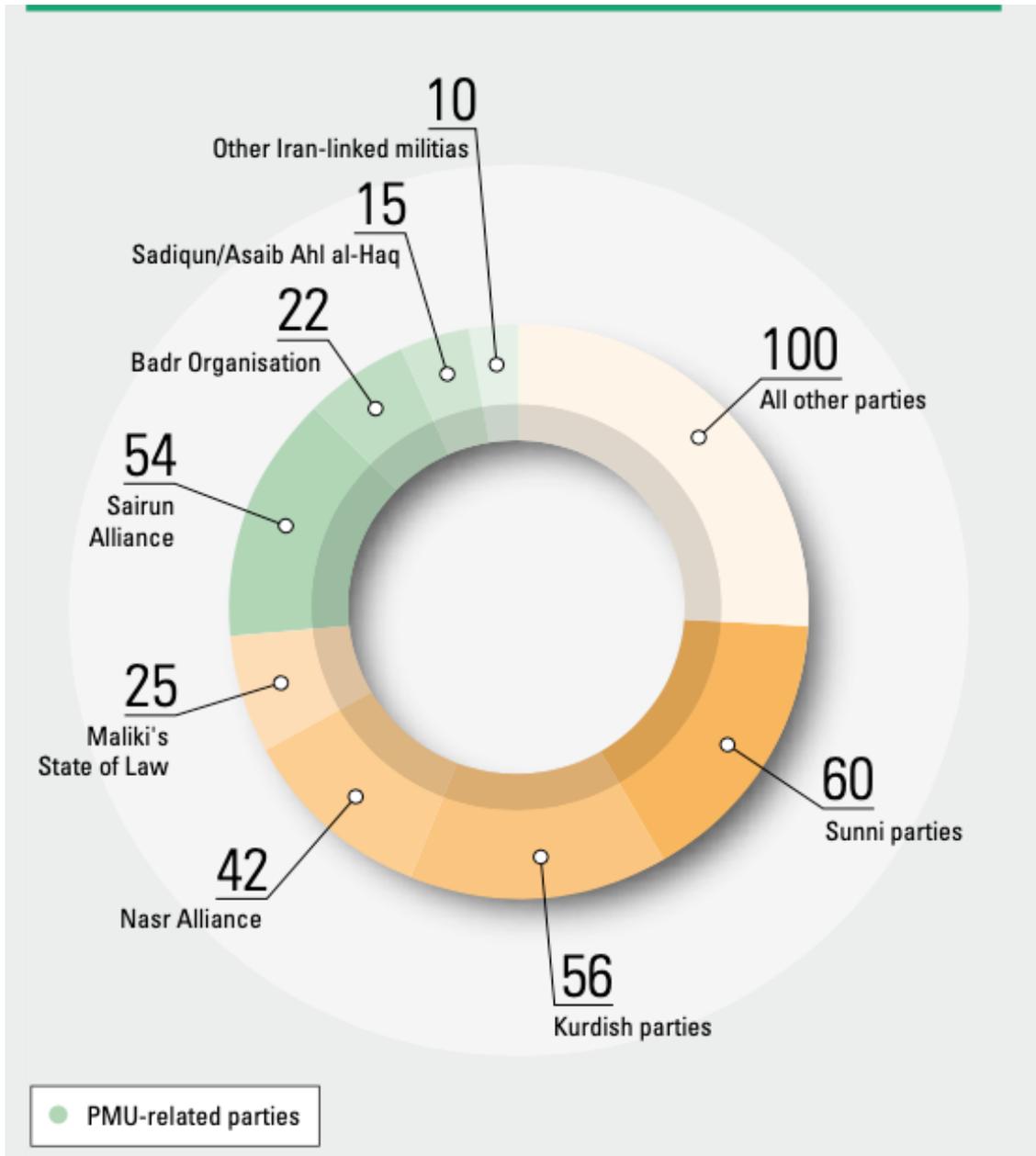
Figura 5 – Fluxo Logístico entre Irã e Síria



Fonte: The International Institute for Strategic Studies-Iran's Networks of Influence in the Middle East. p. 101, 2020.

Nota: A figura demonstra a importância que a influência e apoio de milícias e proxies iranianas desempenham ao manter o fluxo logístico aberto para a Síria e Líbano.

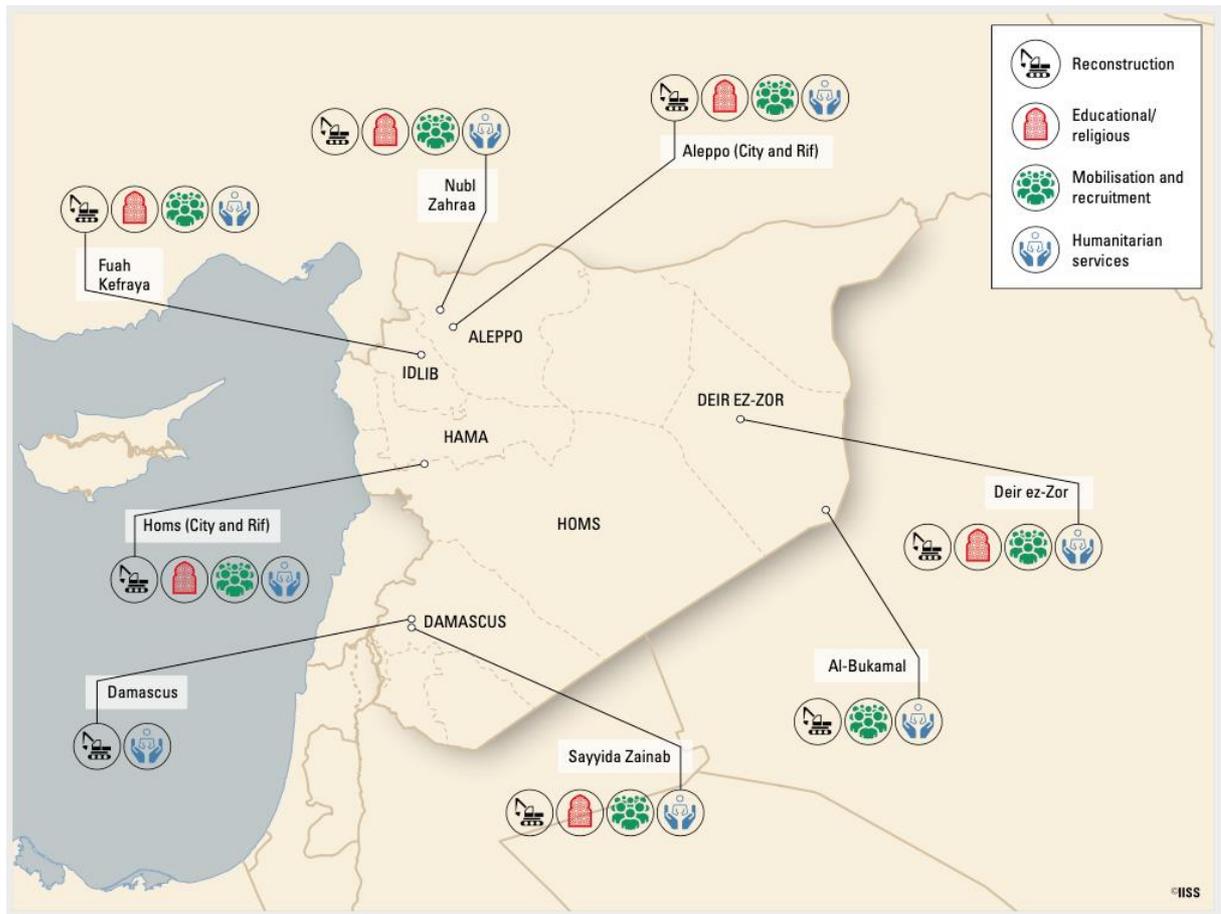
Figura 6 – Assentos das Eleições Parlamentares Iraquianas em 2018.



Fonte: The International Institute for Strategic Studies-Iran's Networks of Influence in the Middle East. p. 126, 2020.

Nota: Impacto dos Proxies e Milícias Iranianas na Política Iraquiana, ilustrada pela composição das cadeiras no parlamento iraquiano após as eleições, destacando a influência dos grupos apoiados pelo Irã, enfatizando as forças políticas ligadas às Unidades de Mobilização Popular (PMU, na sigla em inglês). Esta ilustração é um exemplo claro de como o apoio estratégico do Irã a milícias e proxies não só fortaleceu sua posição militar na região, mas também gerou frutos significativos na arena política iraquiana, consolidando uma presença que pode influenciar diretamente as decisões políticas e militares no Iraque.

Figura 7 - Atividades selecionadas de “soft power” do Irã e do *Hizballahi* na Síria, 2015–2018.



Fonte: The International Institute for Strategic Studies-Iran's Networks of Influence in the Middle East. p. 98, 2020.

Nota: O mapa destaca as áreas onde o IRGC está envolvido em reconstrução, serviços educacionais e religiosos, mobilização e recrutamento, além de serviços humanitários. As características híbridas do IRGC e sua exploração de proxies não se limitam meramente aos níveis militares e operacionais. O IRGC demonstra uma capacidade singular ao explorar aspectos culturais para capitalizar em influência. Através de atividades de reconstrução, educação religiosa e serviços humanitários, o IRGC fortalece seu controle e dissemina a ideologia iraniana, enquanto a mobilização e recrutamento garantem um fluxo constante de combatentes leais. Essa abordagem evidencia a eficácia do IRGC como uma força híbrida, capaz de integrar poder militar, econômico e cultural para alcançar seus objetivos estratégicos na Síria.